

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARCIO GABRIEL ROMÃO

**FAMÍLIA E PROJETO. UM ESTUDO A PARTIR DO BOLSA ATLETA
ESTUDANTIL.**

**VITÓRIA
2017**

MARCIO GABRIEL ROMÃO

**PROJETO E FAMÍLIA: UM ESTUDO A PARTIR DO PROGRAMA BOLSA ATLETA
ESTUDANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer. Orientador: Amarílio Ferreira Neto

VITÓRIA

2017

MARCIO GABRIEL ROMÃO

**FAMÍLIA E PROJETO: UM ESTUDO A PARTIR DO BOLSA ATLETA
ESTUDANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos históricos e socioculturais da Educação Física, esporte e lazer.

Aprovado em 05 de janeiro de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto por ter me aceitado como seu orientando .

Ao Prof. Dr. Antonio Jorge por me permitir participar de seu grupo de pesquisa desde 2010.

Ao Prof. Ms. Hugo Paula Almeida da Rocha e Prof. Ms. Leonardo Bernardes Silva de Melo pelas leituras, sugestões e contribuições no trabalho.

Ao Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa pelo exemplo.

Aos membros do LABEC e PROTEORIA.

Aos companheiros de Mestrado da turma iniciada no ano de 2015.

Aos membros da minha família por serem minha fonte de persistência.

RESUMO

O Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo em parceria com o PROTEORIA vem se dedicando a analisar como os jovens atletas conciliam as atividades relativas à profissionalização no esporte e no âmbito dos estudos. Esses jovens vivem a situação de dupla carreira, assim, eles vivenciam entre as obrigações que estão entorno das atividades esportivas como treinamento regular, competições, viagens e cuidados corporais específicos, além de estarem envolvidos com atividades educacionais como aulas nas instituições, estudos em outros espaços, confecção de trabalhos. O estudo aqui apresentado, problematiza a relação do papel da família na construção de uma carreira esportiva, além disso, traz a conceituação de projeto a partir do caso vivenciado por um esportista. O referencial teórico-metodológico que sustentou esta pesquisa teve como balizadores os conceitos de projeto familiar, projeto individual e rede social. Todos os atletas que participaram da pesquisa foram beneficiados do Programa Bolsa Atleta, categoria estudantil, ou seja, tinham a obrigatoriedade de estarem matriculados em instituição de ensino durante o período de recebimento do auxílio. Nesse cenário, pode ser constatado a participação familiar de uma forma peculiar para cada atleta entrevistado, alguns casos se aproximavam, contudo, as especificidades faziam diferença. Os pais foram identificados como os maiores incentivadores da carreira esportiva dos filhos, já as mães segundo as falas dos entrevistados apontam a figura materna como aquela que realiza a função de mediadora das atividades esportivas e socioculturais. Além disso, as redes sociais contribuem com a manutenção de carreiras no esporte, dessa forma membros que não são ligados diretamente a família entram em cena e cumprem o papel de incentivadores. Em relação ao projeto, o caso apresentado, permite entendermos como a família se posiciona em relação a um projeto individual de um jovem esportista que não conseguiu dar segmento ao processo de profissionalização, assim, o projeto individual sofre mudanças, e o projeto familiar entra em ação para auxiliar nessa construção do novo projeto. Assim, conclui-se que, entendemos o papel da família como central na construção esportiva, porém, há agentes que auxiliam. Os projetos individuais de um atleta devem perpassar ao menos por um membro da família.

Palavras-chave: Dupla carreira. Bolsa Atleta. Esporte. Projeto Familiar. Projeto Individual. Escolarização.

ABSTRACT

The Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo in partnership with PROTEORIA has been dedicated to analyzing how young athletes reconcile activities related to professionalization in sports and in the scope of studies. These young people live in a dual career situation, so they live among the obligations that surround sports activities such as regular training, competitions, travel and personal care, and are involved in educational activities such as classes in institutions, studies in other spaces, making works. The study presented here problematizes the relation of the role of the family in the construction of a sports career, in addition, it brings the conceptualization of the project from the case experienced by a sportsman. The theoretical-methodological framework that underpinned this research was based on the concepts of family project, individual project and social network. All the athletes that participated in the research benefited from the program of the Ministry of Sport, student category, that is, they had to be enrolled in an educational institution during the period of receipt of the aid. In this scenario, the family participation can be recorded in a peculiar way for each interviewed athlete, some cases were approaching, however, the specifics made a difference. The parents were identified as the greatest motivators of their children's sports career, while the mothers according to the respondents' statements point to the maternal figure as the one who performs the role of mediator of sports and sociocultural activities. In addition, social networks contribute to maintaining careers in the sport, so members who are not directly linked to the family come on the scene and play the role of supporters. In relation to the project, the presented case allows us to understand how the family positions itself in relation to an individual project of a young sportsman who could not give segment to the professionalization process, thus, the individual project changes, and the family project goes into Action to assist in building the new project. Thus, we conclude that, we understand the role of the family as central in sports construction, however, there are agents that help. The individual projects of an athlete must pass through at least one member of the family.

Keywords: Dual carrer. Athlete support. Sport. Family Project. Individual Project. Schooling.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
1.1 As consequências da Dupla Carreira.....	09
1.2 Projeto Individual de Carreira e Rede Social: conceitos e operações.....	16
1.3 Objeto de pesquisa e como pensamos os instrumentos da pesquisa.....	24

Capítulo I

2. Introdução.....	26
2.1 Metodologia.....	27
2.2 Resultados.....	30
2.3 A família e a prática esportiva.....	31
2.4 Família e papéis sociais.....	34
2.5 Professores e colaboradores: membros da família.....	36
2.6 Discussão.....	41

Capítulo II

3. Introdução.....	46
3.1 Projeto individual, rede social e escolha racional.....	51
3.2 Metodologia.....	56
3.3 O atleta.....	57
3.4 O sucesso no esporte e os desafios educacionais.....	58
3.5 O abandono e a reconstrução do projeto.....	63
3.6 Conclusão.....	66

Conclusão final.....	68
----------------------	----

Referências.....	70
------------------	----

Anexo

Anexo A.....	77
Anexo B.....	87

1. Introdução

A escolarização de atletas é um tema que vem ganhando fôlego nas pesquisas científicas. A ideia de que os jovens atletas em formação profissional têm algum tipo de empecilho para consolidar e criar estratégias para manter um projeto escolar em curso ganha corpo quando pensamos no cenário de compatibilização de duas rotinas que exigem tempo e dedicação. Nesse sentido, observamos a necessidade de pensar em um modelo de investigação que contemple a formação do atleta, os seus desejos e metas que definem para sua carreira profissional, seja ela no esporte ou fora dele. Além disso, concordamos que os objetivos para a profissionalização desse grupo de jovens só são possíveis em um contexto social em que a dupla carreira, no esporte e na escola, é vista como exequível.

A presente dissertação vem no intuito de compreender como os jovens atletas estruturam e colocam em curso o seu projeto individual de carreira. A partir desse ponto, pensamos que as consequências do investimento no esporte e na escola farão parte do modo como esses projetos podem vir a sofrer influências dos desejos e expectativas dos jovens atletas e da sua rede de sociabilidade. Os projetos individuais de carreira são forjados dentro de um tempo e espaço específicos; dependem das vivências individuais, das expectativas para o presente e para o futuro, da percepção sobre as oportunidades de carreira e dos desejos individuais. Os projetos individuais estão em constante movimento e podem sofrer alterações e novas significações a partir do modo como os indivíduos começam a compreender signos ou símbolos da sociedade que o cerca (VELHO, 1997; 2003; 2010).

Entendemos que a escolarização é uma obrigação e um direito fundamental, garantido na Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), além de compor a base fundamentada na Consolidação das Leis do Trabalho, como obrigação do empregador em garantir o acesso e permanência de jovens trabalhadores na escola, quando esses estão em idade compatível com a escolarização básica (BRASIL, 1943). E, como direito fundamental, não pode ser violada ou negligenciada pelos atores envolvidos na formação desse jovem em situação de dupla carreira no esporte e na escola.

Todavia, o direito ao esporte e à profissionalização também são garantidos aos adolescentes e jovens. A mesma legislação que institui leis para definir a escolarização dos indivíduos garante que esses podem iniciar uma carreira laboral a partir dos 16 anos de idade ou aos 14 anos, caso seja na condição de aprendiz. Entende-se, a partir da definição legal, o que é a condição de aprendiz como sendo algo que esteja baseado no Artigo 3º do Decreto 5.598/05, conhecido como a Lei do Jovem Aprendiz (BRASIL, 2005).

Art. 3º Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado não superior a dois anos, em que o empregador se compromete a assegurar ao aprendiz, inscrito em programa de aprendizagem, **formação técnico-profissional metódica compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico**, e o aprendiz se compromete a executar com zelo e diligência as tarefas necessárias a essa formação. [Grifo nosso]

Considerando que a profissionalização, a educação e o esporte são direitos garantidos aos adolescentes e jovens; e orientado pelo objetivo de compreender como os jovens atletas estruturam e colocam em curso o seu projeto de carreira; esse primeiro capítulo será apresentado na intenção de descrever os conceitos que iremos abordar nos dois artigos que compõem essa dissertação. Em um primeiro momento, vamos apresentar as pesquisas sobre dupla carreira que armam o arcabouço de um projeto maior sobre a escolarização de jovens atletas. Em seguida, descreveremos o conceito sobre projeto individual de carreira e de rede social. Acreditamos que esses dois conceitos serão trabalhados ao longo dessa dissertação e serão importantes para que o leitor entenda o ponto de partida desse trabalho. Por fim, indicaremos como os instrumentos de coleta de dados foram influenciados pelos conceitos que aqui trabalharemos.

1.1 As consequências da Dupla Carreira

A preocupação em analisar as consequências de uma dupla carreira, no esporte e na escola, vem sendo trabalhada no Brasil a partir do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e suas parcerias institucionais com o PROTEORIA, da Universidade Federal do Espírito Santo, e com a Universidade Federal de Santa Catarina. O histórico de pesquisas

trabalhados no âmbito dessas instituições nos servem como base para que identifiquemos em qual estado se encontra o jovem em formação profissional no esporte e sua relação com a rotina escolar.

A hipótese de que a formação profissional no esporte poderia gerar algum empecilho para aquisição e conclusão da escolarização básica começou a ser construída em 2007, quando uma investigação sobre meninos que participavam de uma escolinha de futebol no Rio de Janeiro foi iniciada. A época, o estudo de Souza et al. (2008) buscou elaborar a história de vida de dois meninos que estavam se dedicando ao futebol naquela escolinha que se localizava no Aterro do Flamengo, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Em princípio, poderíamos pensar que uma escolinha de futebol não teria qualquer relação com a ideia de profissionalização no futebol. Todavia, essa instituição era diferente: eles tinham uma relação de parceria com o Feyenoord, da Holanda. O convênio com o clube holandês permitia-os selecionar meninos dessa escolinha para participar dos testes para o ingresso nas categorias de base de futebol desse clube. Assim, esses dois meninos que tiveram sua trajetória de vida pesquisada foram convidados para participar desses testes.

A pesquisa revelou que a chegada à Holanda não foi simples. Embora o trato com os meninos da escolinha de futebol não ferisse nenhum direito, a rotina no país europeu era muito diferente do que eles tinham no Brasil. Se aqui eles estudavam, jogavam na escolinha e tinham o resto do tempo do dia livre para fazerem o que quisessem; na Holanda, a rotina começava a mudar já quando se tratava da jornada escolar, a qual chegava a seis horas diárias. O treinamento nas categorias de base no futebol tomava-lhes mais algum tempo do dia e, como se não bastasse, eles ainda tinham aulas particulares para aprender o idioma nativo da Holanda. Já nesse cenário, percebemos que a nova rotina fora do Brasil diminuía drasticamente o tempo livre que esses meninos tinham. Além disso, o processo de adaptação a uma nova cultura, com hábitos alimentares e outros signos culturais, foi muito difícil (Ibidem).

A pesquisa de Souza et al. (2008) demonstrou a história de vida de um desses meninos que não se adaptou na Holanda e optou por retornar ao Brasil. Como o seu desejo profissional era o de se tornar jogador de futebol e, assim, conquistar um oásis de dinheiro, ele passou a investir insistentemente nessa carreira e acabou por deixar

de lado a rotina escolar. Dessa forma, passou por clubes de divisões secundárias no futebol, não obteve o êxito desejado nessa carreira e, como deixou a escola de lado, também não conseguiu se firmar em qualquer carreira que dependesse de formação técnico/profissional fora do mercado esportivo.

Esse estudo nos trouxe uma preocupação: a rotina de treinamento e competições afastou o jovem investigado das obrigações escolares. Com isso ele, ao não obter sucesso na carreira como jogador de futebol, também teve dificuldades de alocação no mercado profissional fora do esporte. Essa preocupação nos fez elaborar a hipótese de que a rotina como atleta atrapalharia o investimento na escola. E essa hipótese foi testada na pesquisa de Melo (2010). A dissertação de mestrado defendida na antiga Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, foi uma importante contribuição para as pesquisas sobre dupla carreira, que envolvesse o esporte, no Brasil.

Melo (2010) realizou um esforço junto a 417 atletas das categorias de base do futebol de 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro. Os dados levantados diziam respeito às rotinas de treinamento e competições; além de tratar sobre a escolarização desses jovens atletas. Essa pesquisa nos trouxe uma reflexão diferente da hipótese: se antes pensávamos que a rotina de treinamento e competições poderia afastar os jovens atletas de futebol da escola, Melo (2010) indicou que os jovens investigados tinham um fluxo escolar mais regular, com poucas retenções ou abandonos. Ademais, os jovens atletas tinham uma jornada escolar muito similar à jornada escolar de alunos não atletas no mesmo Estado.

A ideia de que a pesquisa de Melo (2010) tenha desconstruído a hipótese de que o esporte atrapalhava a rotina escolar só não foi inteiramente verdadeira, pois o mesmo estudo revelou que o fluxo regular dos jovens atletas e o tempo dedicado à escola era similar ao tempo dos alunos não atletas, porque as escolas adotavam mecanismos que afrouxavam suas normas regulares para que os atletas continuassem estudando. Ou os próprios atletas optavam por mudar de escola ou turno escolar para facilitar a compatibilização das rotinas do esporte e da escola. A partir da pesquisa de Melo (2010) resolvemos tentar entender se as mesmas condições para a permanência e o investimento em uma dupla carreira no esporte e na escola poderia ser verdadeira também para outras modalidades esportivas.

A sequência de investigação nos trouxe dados importantes em outras modalidades, como o voleibol, o futsal feminino, o turfe, uma escola para atletas dentro de um clube e programas do governo federal, como o Programa Bolsa Atleta na categoria estudantil. Romão, Costa e Soares (2011) e Costa (2012), ao tratarem respectivamente sobre a rotina de jovens atletas do voleibol e do futsal feminino, indicou um panorama diferente do que havíamos visto na pesquisa de Melo (2010): tanto no futsal feminino, como no voleibol, os jovens atletas percebiam essas modalidades esportivas como uma espécie de lazer, com poucas intenções de profissionalização. E, no caso do futsal feminino, as jogadoras ainda pretendiam investir no esporte com a intenção de galgar a continuidade do projeto educacional no nível superior.

Percebamos que as pesquisas no voleibol e no futsal feminino começaram a mostrar que a dupla carreira no esporte e na escola não apresentavam padrões de respostas. As poucas similaridades entre essas duas modalidades e o futebol eram que a rotina de treinamento causava um cansaço físico que poderia levar a alguma desconcentração no investimento escolar. Todavia, quanto ao objetivo de profissionalização os atletas das três modalidades apresentavam metas completamente distintas de carreira. No futebol, o esporte era almejado como foco principal; no voleibol e no futsal feminino, o esporte era usado como ferramenta para permitir uma continuidade no investimento no ensino superior.

Pensando nessa diferença, Rocha (2013) indicou que essa diferença no comportamento e na ação dos jovens atletas investigados nas pesquisas anteriores poderia ser por causa das oportunidades de ganhos imediatos nas carreiras esportivas investigadas. Diante disso, o autor buscou realizar a pesquisa na Escola de Profissionais do Turfe, na cidade do Rio de Janeiro, principal reduto desse esporte no Brasil. A pesquisa foi realizada com a totalidade da população de jovens atletas em formação profissional no turfe nesse clube. E Rocha (2013) buscou descrever a trajetória de vida e o projeto individual de carreira desses jovens atletas.

A pesquisa no turfe indicou que a possibilidade de geração de renda imediatamente estava no horizonte de expectativas dos jovens atletas investigados. Porém, não era esse o principal motivo que definia o investimento do jovem atleta na

profissionalização no turfe. O autor mencionou que a história de vida desses jovens atletas estava repleta de elementos que associavam o esporte investigado como uma oportunidade concreta de profissionalização; havia uma rede de sociabilidade que fez com que esses jovens atletas entendessem o turfe como uma carreira profissional rentável. Por outro lado, o desinvestimento na escola era anterior à entrada no esporte, o que sugeria que a rotina escolar desses jovens atletas não fora secundarizada por causa da rotina de treinamento e competições (ROCHA, 2013).

Correia (2014) também buscou interpretar a história de vida e a estruturação do projeto individual de carreira de jovens atletas vinculados a um clube no Rio de Janeiro. Esse clube possui uma escola dentro de suas instalações e foi nela que Correia (2014) realizou sua pesquisa. A ideia de que a escola dentro das instalações do clube poderia facilitar a conciliação da dupla carreira no esporte e na escola era uma premissa dessa investigação. E, de fato, o autor identificou que a rotina de treinamento, competições e a rotina escolar estavam bem organizadas ao longo do dia. Os atletas conseguiam algumas adaptações do tempo de escola quando necessário e isso facilitava a organização dos horários do esporte e dos estudos. O grande problema indicado nessa pesquisa foi o fato de os jovens atletas, caso fossem desligados do clube, seriam sumariamente convidados a se retirar da instituição de ensino, independentemente da etapa do ano letivo em que se encontravam.

Correia (2014) demonstrou que mesmo a escola estando articulada com o projeto de formação de atletas do clube, nesse caso, não havia uma preocupação latente sobre a escolarização desses jovens atletas, ao ponto deles serem afastados dessa instituição por causa de um desvinculamento com o esporte e com o clube. O estudo também levantou dados sobre a trajetória de vida desses atletas que concordavam com os achados de Rocha (2013). O projeto individual desses jovens atletas estava repleto de experiências familiares, individuais e de suas redes de sociabilidade que levavam esses jovens atletas a incluírem o investimento na carreira esportiva como uma possibilidade de profissionalização.

Outras investigações sobre a relação de dupla carreira no esporte e na escola continuaram sendo desenvolvidas e chegaram a respostas diferentes quanto ao padrão de investimento dos jovens atletas na escola e no esporte. Klein (2014),

Conceição (2015) e Costa e Silva (2016) continuaram a linha investigativa sobre a conciliação da dupla carreira no esporte e na escola. E as pesquisas desses autores também não encontraram padrões de respostas nas diferentes modalidades que investigaram. Talvez a única possibilidade comum a todos os projetos de pesquisa que levaram em consideração a rotina esportiva e a rotina escolar foi a presença do cansaço físico da rotina esportiva como fator que incide sobre a concentração nos estudos.

As consequências da dupla carreira também são alvo de investigação nos estudos internacionais (BORGGREFE, CACHAY, 2012; RENS, ELLING, REIIGERSBERG, 2012; HENRY, 2010; AGERGAARD, SØRENSEN, 2009; HICKEY, KELLY, 2008; MCGILLIVRAY, MCINTOSH, 2006; BOURKE, 2003; PARKER, 2000; SACK, THIEL, 1979). E mesmo nessas investigações, não se observa um comportamento padrão de consequências da dupla carreira no esporte e na escola. O que se pode dizer em relação ao estado das pesquisas internacionais é que, em alguns países, já se observa tentativas de intervenção, buscando soluções para sanar os problemas gerados pela dupla carreira no esporte e na escola.

Por exemplo, Metsä-Tokila (2002) estudou sobre como o esporte de alto rendimento se tornou parte de programas governamentais na extinta União Soviética, na Suécia e na Finlândia. Nesse estudo foi descrito que, há mais de trinta anos, as autoridades políticas, educacionais e esportivas discutiram, articularam e experimentaram diferentes possibilidades de conciliação entre a educação acadêmica e treinamento de alto nível. O que sustentava tais programas ou políticas públicas de intervenção basearam-se nos argumentos de que a conciliação da dupla carreira contribuía para gerar empecilhos de natureza da: a) dificuldade de gestão do tempo para a realização das atividades esportivas em concomitância com as demandas escolares (tarefas acadêmicas e dedicação aos estudos); e b) da necessidade de fornecer educação e capacitação para os jovens atletas se integrarem ao mercado de trabalho após suas carreiras esportivas (tantos os ex-atletas quanto os outros jovens terão mais chances de obtenção de um posto de trabalho quanto maior for a qualificação educacional).

Esse estudo já levantava a ideia de que os atletas têm pouca ou nenhuma capacidade de reconversão das habilidades e do capital corporal adquirido durante a formação

esportiva em ocupações vinculadas ao mercado do esporte de espetáculo ou educacional. Poucos ex-atletas são aproveitados como treinadores, comentaristas e gestores esportivos. Esse fato reforça a sugestão que a formação esportiva e a acadêmica devem ser conciliadas no sentido de fornecer possibilidades de inserção dos ex-atletas em postos de trabalho que não dependam de sua experiência no esporte. Metsä-Tokila (2002) sugeriu que o sucesso de combinação da carreira esportiva com os estudos acadêmicos depende da flexibilidade com que as instituições esportivas e a escola tratam os calendários de exames para atletas, os horários da escola e de treinamento esportivo.

Na Dinamarca, Christensen e Sørensen (2009) trataram sobre as tensões da dupla carreira sob o contexto econômico que envolve o esporte. Os autores entrevistaram 25 atletas de futebol, com idades variando entre 15 e 19 anos, que estavam participando de programas oficiais de treinamento. Os autores perceberam que na Dinamarca a *Team Danmark* é a instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte de elite, tendo como lema *Denmark the Best place in the world to be an athlete*. Para os atletas de elite, o *Team Danmark* articula programas com aulas especiais, com menos horas/aula por semana para garantir maior tempo a ser dedicado nas sessões de treinamento. Assim, os três anos de ensino secundário podem ser feitos em quatro. Porém, esse programa não é generalizado, ele acontece em poucas cidades de modo que nem todos os atletas são contemplados. Mesmo no projeto *Team Danmark*, que se preocupa em estabelecer conexões e mediações entre a instituição esportiva e a escola, Christensen e Sørensen (2009) indicaram que cada coordenador do programa dinamarquês, presente nas escolas, não conseguiu nada muito além dos abonos das faltas desses estudantes especiais.

A presente dissertação se insere nesse cenário investigativo. Percebemos que as pesquisas que tratam sobre a dupla carreira no esporte e na escola não dão conta de traçar um perfil padronizado de comportamento ou consequências das rotinas de investimento nesses dois campos. Com isso, pretendemos lançar luz sobre um programa do governo federal brasileiro que trata de financiamento de atletas em formação e que também estão em idade escolar. A ideia é a de tentar revelar condições para que os atletas vinculados ao Programa Bolsa Atleta, na categoria estudantil, traçam seus projetos individuais de carreira a partir dos contextos de

sociais. Na próxima seção, trabalharemos o conceito de projeto individual de carreira e rede social. E como esses conceitos nos permitirão analisar os dados dessa pesquisa.

1.2 Projeto Individual de Carreira e Rede Social: conceitos e operações

O conceito de projeto individual, baseado nos escritos de Gilberto Velho (1997, 2003, 2010) concentra uma série de expectativas da antropologia urbana. Não estamos aqui na intenção de fazer uma exegese dos estudos da antropologia, mas temos a intenção de caracterizar o conceito de projeto individual a partir do ponto de vista do autor. Gilberto Velho. Entender a ideia da formação do projeto individual a partir da ótica desse autor nos ajudará a relevar as ações adotadas pelos jovens atletas que investigamos. O conceito de projeto individual pressupõe a antecipação daquilo que se pretende alcançar dentro de um tempo, contexto e espaço específicos, elaborando estratégias e agindo conforme as intenções para atingir as metas almejadas. Leva-se em consideração que as ações e tomadas de decisões são adotadas de formas, muitas vezes, conscientes e individuais.

Quando estamos falando de contexto e espaço específicos, estamos lidando com a ideia de sociedade. Para Velho (2003), em uma sociedade complexa, os indivíduos interagem de modo a assumir diferentes papéis sociais em distintos espaços, realidades e conformações, a ponto de reagirem a estímulos e criar tensões para que seus desejos sejam contemplados. Na percepção do autor, o modo de operar em uma sociedade complexa entra em uma dinâmica que pode ser muitas vezes conflituosa ou contraditória, conforme destaque abaixo:

[...] Nas sociedades complexas moderno-contemporâneas [...] existe uma tendência de constituição de identidades a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais, que associam-se a experiências e a níveis de realidade diversificados, quando não conflituosos e contraditórios (VELHO, 2003, p. 8).

A partir dessa compreensão do contexto em que os indivíduos tomam decisões e articulam estratégias para consolidar seu projeto de carreira, podemos sugerir que a sociedade complexa, no sentido utilizado por Velho (2003), surgiu quase que concomitantemente com o surgimento das grandes metrópoles. Na conferência de

Simmel (1973), “A metrópole e a vida mental”, o autor definiu a metrópole como sendo um espaço que produz uma enorme quantidade de estímulos, os quais submetem os indivíduos a uma constante interação com eles. Por mais que tenhamos que tomar cuidado ao relatar essa conferência para que não estabeleçamos determinismos, entendemos que a compreensão de um espaço urbano, que produz estímulos cada vez mais intensos e diversificados, pode nos ajudar a entender a forma como os jovens atletas formulam os seus projetos de carreira.

A concepção da metrópole como sendo um habitat em que as barreiras geográficas, sociais, étnicas, etc. foram rompidas nos faz pensar em um ambiente em que desejos, expectativas e oportunidades de distintos grupos entram em interação. Diante disso, a metrópole ao mesmo tempo em que gera variados estímulos de diferentes naturezas ao indivíduo, ela também contribui para que o indivíduo busque uma condição de preservação da sua identidade. Essa interação entre estímulos constantes e diversificados, ao mesmo tempo em que o indivíduo busca a autopreservação da sua identidade, elabora um cerco complexo de ações individuais que se traduzem no modo de vida metropolitano (SIMMEL, 1973).

Essa incessante busca pela preservação da identidade individual para satisfazer as necessidades pessoais, ao mesmo tempo em que se procura interagir com os estímulos da metrópole ajuda o indivíduo a tomar decisões sobre como agir a frente dessa diversidade de excitações. Em alguns casos, o indivíduo se torna indiferente aos estímulos que não convergem para sua satisfação pessoal. A essa atitude, Simmel (1973) deu o nome de atitude *blasé*. Essa indiferença a alguns estímulos da metrópole que não condiziam a personalidade ou especialidade individual tinha solo fértil nas metrópoles. As grandes instituições, as regras rígidas exigidas e o modo de disciplinar a sociedade foram intensificando conforme os diferentes grupos migravam para as grandes metrópoles.

A atitude *blasé* resulta da intenção individual em preservar sua identidade ao mesmo tempo em que tenta a distinção perante a padronização esperada pelas normas e estímulos das instituições nas metrópoles. As relações entre indivíduo e sociedade metropolitana se constrói a partir de associações e conflitos; da tentativa de padronização do comportamento e da individualização; e as reações a esses

estímulos ora são de indiferença, ora podem vir a ser de aversão ou repulsa. A preservação da identidade individual faz do sujeito um personagem que pode vir a adotar um comportamento de negação em relação aos estímulos dessa metrópole, podendo inclusive criar mecanismos de aversão às instituições, não se comprometendo a interagir com elas. Dessa forma, Simmel (1973) definiu essa atitude como sendo:

Essa atitude mental dos metropolitanos um para o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva: Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. [...] O aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado (SIMMEL, 1973, p. 17).

O comportamento individual diante dos estímulos da metrópole pode vir a ser de interação, indiferença ou repulsa. Mesmo que haja momentos em que a forma de lidar com os estímulos sejam mesmo de indiferença ou repulsa por causa da necessidade da preservação da identidade e da distinção individual, isso não nos ajudaria a explicar de forma mais completa como os indivíduos podem consolidar o seu projeto de carreira. Em contradição ao que disse Simmel (1973), Vianna (1999) sobre análise do “Livro do Desassossego”, de Fernando Pessoa, identificou um outro tipo de atitude individual possível e que permitiria o indivíduo novo modo de agir diante da sociedade complexa. O autor definiu o sentimento de ternura para explicar que o indivíduo pode aceitar o desafio da metrópole e interagir com vários estímulos simultaneamente, mesmo que esses não estejam de acordo com a sua especialização.

Essa forma de fazer a leitura sobre o mesmo objeto melhora o modo de entender o comportamento individual diante dos estímulos da metrópole. Em um dado momento, o indivíduo pode não se entreter com as demandas da metrópole e, em outro, ele pode interagir. Essa maneira de dinamizar as atitudes individuais ajuda a compreender como os indivíduos formam grupos, interagem neles e projetam suas metas. A princípio, podemos compreender que os grupos tendam a fortalecer seus laços de origem, quando chegam à metrópole. Todavia, a partir da estabilização das suas

bases de relação, os grupos aceitam a interação com outros nativos, ampliando sua visão sobre os estímulos da sociedade e, quiçá, seu campo de possibilidades de ações dentro desse cenário.

Na obra de Whyte (2005), o autor descreveu como a sociedade de Corneville foi se estruturando. Em primeira instância, o bairro foi se organizando a partir de laços consanguíneos. E depois por proximidade geográfica das regiões de origem dos imigrantes. Essa rede de relações em Corneville permitiu aos imigrantes a elaboração de uma rede de solidariedade que minimizou os efeitos da adaptação a um novo grupo social. Conforme foram se ajustando às exigências da sociedade e nasceram os descendentes, esses começaram a ter maior interação com os nativos, criando novas expectativas e ampliando as possibilidades no universo que antes era restrito à rede de solidariedade do grupo de imigrantes original.

Outro exemplo que podemos adotar para explicar o modo como os indivíduos interagem e formam grupos, na mesma perspectiva de Whyte (2005), está no livro “Projeto e Metamorfose” de Gilberto Velho (2010). No relato do autor, ele descreveu o processo de adaptação de imigrantes portugueses na sociedade americana. E as mesmas relações indicadas por Whyte (2005) foram também notadas por Velho (2010). Inicialmente, formou-se grupos com características semelhantes, oriundos de um mesmo local e se criou uma rede de solidariedade entre eles. O processo de adaptação a uma nova sociedade pode ser demorado e doloroso. Não foi incomum Velho (2010) observar casos em que homens dessa imigração sofressem com acidentes no trabalho e as mulheres vitimadas por doenças psicológicas pelas rotinas entediadas e monótonas causadas pelo isolamento do grupo de imigrantes.

Os escritos de Velho (2010) e Whyte (2005), embora destacassem efeitos semelhantes a grupos diferentes de imigrantes, sequer foram produto de análises de uma mesma época. Isso revela que os efeitos vistos em ambos os casos são reflexos de uma modernização e complexificação do modo de vida da metrópole. Os grupos e laços estabelecidos pelos indivíduos contribuem para que eles percebam outras maneiras de se enxergar um mesmo objeto ou fato social. Ao aceitar o desafio de interagir com grupos de diferentes origens, o indivíduo se permite elaborar novas interpretações sobre exequibilidade de oportunidades ou, o que podemos

compreender, como ampliação do campo de possibilidades. Se por um lado o grupo de imigrantes original foi responsável pela sustentação da identidade individual e de mecanismos de solidariedade para permitir a sobrevivência deles; por outro, a interação das gerações seguintes com os nativos e com novos grupos, fez aumentar os laços e relações que dessas gerações, permitindo a assimilação dos signos nativos e até mesmo a ampliação do campo de possibilidades ou do conjunto de oportunidades para esses.

Essa ideia de rede de relações ou rede social também nos ajuda a compreender como os indivíduos articulam e formulam seus projetos individuais. Até aqui fizemos uma exploração das ações individuais diante dos estímulos produzidos por uma sociedade composta por grupos de diferentes naturezas geográficas, étnicas, etc. A partir daqui poderemos compreender que é dentro desse cenário em que as metas e ações são postas em prática, podendo ou não se assumir o desafio de se interagir com os diferentes estímulos da metrópole. E é nesse cenário e nas relações estabelecidas pelos indivíduos que surge na noção de rede social.

A família é a primeira rede de socialização do indivíduo e é a partir dela que outros laços interativos podem começar a se criar. Além da família, percebe-se que o bairro, a escola e, de um modo geral, as instituições sociais permitem a circulação e a interação de indivíduo. Todavia, isso não garante que mesmo uma variação enorme de indivíduos em um mesmo espaço assegure uma interação entre eles. Isso já delimitamos quando relatamos sobre as reações e comportamentos diante dos estímulos da metrópole (atitudes *blasé*, de reserva e de ternura). Vamos admitir que é a vontade individual em permitir-se interagir com diferentes signos da sociedade que faz com que ele se vincule a grupos distintos dentro dessa rede complexa e intrincada de relações.

Bott (1976) preocupou-se em demonstrar o conceito de rede social e como ela permitia que os indivíduos circulassem e interagissem com a sociedade de modo mais amplo ou restrito. Para que possamos entender o conceito de rede social a partir da ótica da autora, vamos dividir esse conceito em duas peças: 1) a malha social; e 2) os laços nessa malha. Para que possamos entender melhor como esses conceitos se

articulam, faremos uma apresentação didática, separando os conceitos para melhor compreensão do leitor.

O conceito de malha social ainda pode ser compreendido como malha frouxa ou malha estreita (BOTT, 1976). Vamos pensar na ideia de malha social como sendo um tecido que pode ter seus elos mais espaçados ou mais fechados. Para a autora, uma malha social frouxa tem uma característica que permite ao indivíduo um maior alcance dentro de uma sociedade. Significa dizer que ele tem uma variação maior de interação entre grupos com diferentes características. Por outro lado, a malha estreita limita a convivência individual a um grupo mais restrito, com menos variação de signos e simbologia. Em ambos os casos, pode-se dizer que haja pontos positivos e negativos. Não podemos descrever a relação em uma rede social ficando restrito somente ao conceito das malhas.

Por associação, essas malhas possuem seus nós ou laços. Como explicamos, esses nós ou laços podem ser espaçados (na malha frouxa) ou mais próximos (na malha estreita). Os laços podem ter forças com diferentes intensidades e independe da aproximação entre eles. Podemos estabelecer laços fortes tanto em uma malha estreita, quanto em uma malha frouxa. E é essa força entre os laços que vai nos permitir ampliar ou não a percepção que temos sobre o conjunto de oportunidades exequíveis no nosso horizonte de escolhas (BOTT, 1976). Nos exemplos de Velho (2010) e Whyte (2005), mostramos que os efeitos da malha estreita e restrita aos grupos de imigrantes lhes permitiam criar mecanismos de solidariedade entre eles. Porém, conforme as gerações seguintes foram construindo novas relações, as malhas foram ganhando novas configurações e se expandindo, permitindo-os perceber oportunidades de atuação que não mais estariam circunscritos ao grupo original de imigrantes.

Observemos que o conceito de projeto individual de carreira, como já dissemos, é a capacidade de elaborar metas, tramar estratégias e tomar decisões dentro de um tempo e espaço específicos. Até o momento descrevemos como mudanças sociais podem influenciar na forma como o indivíduo vai interagir com os estímulos da sociedade para traçar seus objetivos e tomar suas decisões dentro de um campo de possibilidades ou conjunto de oportunidades. Percebemos que os constantes,

diversos e intensos estímulos da metrópole de Simmel (1973) é uma leitura sobre a conformação da sociedade produzida pela revolução industrial que, no primeiro momento, levou diferentes grupos a migrarem para as cidades. E, em concomitância, fundou-se instituições com rígidas regras que visavam forjar comportamentos mais adequados para o convívio nesse novo modo de vida.

Conforme se avançaram as conquistas tecnológicas e se instituiu novas regras de convívio social, passou-se a forjar novos comportamentos individuais, os quais podiam convergir com os estímulos do novo modo de vida, ou ser avesso ou indiferentes a eles. São essas mudanças e reformas sociais que identificamos como a ideia do “tempo” e do “espaço” específicos em que os projetos são postos em prática. Vamos entender ainda que essas mudanças sociais formam ainda maneiras de interagir com diferentes grupos, assumindo diferentes signos e diferentes projetos de vida. De modo prático, a conformação das redes sociais dentro dessa sociedade complexa nos ajuda a compreender como os projetos individuais podem sofrer mudanças e serem influenciados pelas interações que os indivíduos tramam no seio da sociedade. A essa característica de mudança ou adaptação dos projetos individuais a partir de signos ou significados diferentes adotados pelos indivíduos, Velho (2010) chamou de “metamorfose”.

Os conceitos de projeto individual de carreira e de rede social foram definidos. Acordamos que essas formas de se fazer a leitura dos dados acontecem em um contexto em que a sociedade complexa está em constante e intensa mudança. As interações individuais são imprescindíveis para que compreendamos o modo como os indivíduos decidem agir diante das oportunidades que percebem como carreira. As escolhas e as decisões são tomadas a partir da percepção sobre a exequibilidade do processo de investimento na carreira. Porém, ainda não há outro elemento que deixamos de lado até então: cada instituição funciona a partir de um projeto próprio e esse projeto pode tensionar o projeto individual de carreira.

As instituições produzem projetos e criam regras para o enquadramento dos indivíduos pretendentes a esse projeto em um comportamento mais alinhado com o projeto institucional. Em uma perspectiva disciplinar, as regras funcionam como mecanismos disciplinadores que visam forjar um comportamento que permita uma

maior produção individual, ao mesmo tempo em que limita a resistência individual (FOUCAULT, 2004; MACHADO, 1979). Não vamos entender as regras como forma de exploração individual, mas como um mecanismo que tem como intenção melhorar o modo de produção.

As regras institucionais exercem pressão sobre o modo de agir dos indivíduos. São estímulos de uma metrópole que podem ou não serem aceitas no âmbito individual. Dessa forma, o modo de agir dos indivíduos diante das regras também pode sofrer alterações. Becker (2008) descreveu como as regras institucionais podem vir a se tornar efetivas. O ritual de cumprimento dessas regras dependeria de ações individuais tanto quanto as suas infrações. Para que as regras sejam cumpridas, Becker (2008) indicou que: 1) deve-se ter alguém com a intenção de denunciar; 2) a publicidade sobre a infração – a denúncia; e 3) por ventura alguma vantagem para o denunciante. O exemplo usado por Becker (2008) para caracterizar esse ritual veio a partir dos relatos de Malinowski sobre os Ilhéus de Trobriand.

No exemplo, Malinowski (apud Becker, 2008) indicou que a relação de “casamento” em uma tribo estaria condicionada a uma relação entre tribos, não sendo permitido a relação entre homem e mulher sendo esses da mesma tribo. Diante dessa regra tribal, um casal havia cometido o chamado “incesto clânico”, quando um casal é formado por membros da mesma tribo. A sanção a essa regra era a condenação do homem à morte. Sabendo que o caso veio à tona, denunciado pelo pretendente da mulher envolvida no incesto clânico, o homem dessa relação suicidou-se. A partir desse exemplo, Becker (2008) comentou sobre o ritual de cumprimento das regras e questionou-se se essa punição seria adotada no caso de não se haver a denúncia.

Justifica-se esse questionamento, a partir de outro exemplo usado pelo autor que relatava o sumiço de peças de uma fábrica, mas que não se chegou a ser apurado pela instituição. Mesmo havendo evidências de que o furto de ferramentas havia ocorrido, a denúncia não foi formalizada pelo gerente da fábrica. Becker (2008) indicou que, nesse caso, ambos, o infrator e o gerente, estavam se beneficiando da infração: o empregado pensava no furto de ferramentas como um mecanismo compensatório por um serviço prestado e mal remunerado; o gerente da fábrica, embora

reconhecesse a infração, entendia como forma de recompensar esse funcionário pelos serviços “extraordinários” prestados à fábrica.

Observemos que a ideia de projeto individual de carreira não é simples. Requer a compreensão do contexto social em que o objetivo de vida foi tramado, bem como a compreensão do comportamento individual na conformação dos grupos e atuação diante das oportunidades de carreira. O mesmo se refere ao conceito de rede social. O indivíduo constrói relações e laços que podem contribuir para a ampliação do seu campo de possibilidades ou da sua percepção sobre a exequibilidade do conjunto de oportunidades. A interação entre indivíduo, instituições e sociedade remete a uma rede intrincada e complexa de relações. Assim, finalizamos essa primeira etapa do capítulo dessa dissertação para então empreendermos sobre o objeto de pesquisa e como esses conceitos nos ajudaram a elaborar os instrumentos da pesquisa em tela.

1.3 Objeto de pesquisa e como pensamos os instrumentos da pesquisa.

Conforme observamos ao longo desse capítulo, vimos que estamos tratando de jovens em situação de dupla carreira. Isso significa dizer que estamos isolando o indivíduo, na sua condição juvenil, dentro de duas instituições que compõem uma sociedade complexa. Sabemos que o indivíduo jovem pode ser afetado por mais influências que a que estamos restringindo para fins de análise dessa pesquisa. Mas, no contexto geral do projeto sobre escolarização dos jovens atletas, estamos tentando ampliar o campo de discussão a partir da análise dos dados sobre jovens atletas em formação e que são beneficiados por um programa do governo federal, conhecido como Programa Bolsa Atleta.

A escola, como apresentamos, é uma obrigação social e um direito garantido em diversas leis que tratam sobre a condição do adolescente e do jovem. Por outro lado, o esporte e a profissionalização também estão previstos na legislação pertinente aos adolescentes e jovens. Nesse cenário, temos, portanto, duas instituições, com regras bem definidas e estruturadas, além de direitos fundamentais garantidos na Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) e que estão sendo postos em um cenário de programa governamental. Assim, buscamos analisar as influências desse contexto de relações complexas e intrincadas como os jovens atletas formularam o

seu projeto individual de carreira. E como as relações estabelecidas por eles foram consideradas dentro das suas expectativas e tomadas de decisão.

Para que os dados da pesquisa fossem coletados, elaboramos um roteiro de entrevistas semiestruturado que nos ajudaram a compor a trajetória de vida desses atletas; suas experiências individuais com o esporte e a escola; a sua relação com as instituições e com a família; e como eles traçaram as metas de carreira e chegaram a conquistar o direito ao benefício da bolsa auxílio do Programa Bolsa Atleta do governo federal. A partir desse roteiro de entrevistas, tabulamos e analisamos os dados, buscando compreender como os jovens atletas perceberam as oportunidades de investimento na carreira esportiva e como a dupla carreira era encarada por esse jovem. Por fim, vamos continuar a presente pesquisa apresentando os artigos que foram elaborados a partir dessa investigação.

2. Introdução

O presente trabalho busca atribuir interpretações às narrativas de jovens atletas sobre a participação das suas respectivas famílias no campo de construção esportiva. Dessa forma, pretende contribuir e aprofundar o conhecimento sobre os caminhos que envolvem a construção da carreira de atleta. O estudante atleta vivencia as consequências de uma rotina que está dividida entre aspectos esportivos e educacionais. Esses aspectos enquadram o jovem atleta em uma categoria que a literatura nacional e internacional identifica como sendo uma dupla carreira (COSTA E SILVA, 2016; CONCEIÇÃO, 2015; CORREIA, 2014; ROCHA, 2013; BORGGREFE, CACHAY, 2012; RENS, ELLING, REIIGERSBERG, 2012; HENRY, 2010; MCGILLIVRAY, MCINTOSH, 2006).

A família no seu desenvolvimento acaba inevitavelmente criando caminhos que a partir do diálogo com outros espaços e até mesmo com outras famílias acaba criando aproximações ou distanciamentos, é assim, que de um modo geral as famílias agem em relação ao campo esportivo. A família é a primeira rede de socialização do indivíduo, por isso, tende a influenciar mecanismos que permitem acesso a locais e gostos que possibilitam o interesse ou desinteresse de seus membros. Há um interesse e uma percepção sobre o que pode ser compreendido como sendo positivo para a família. Desse modo, as famílias contribuem para que projetos individuais surjam a partir dos objetivos familiares. A família, espaço de aprendizado não formal cria ligações, cria laços que podem ser considerados fortes ou fracos a partir do interesse que existe (BOTT, 1950).

O aprendiz atleta se enquadra no contexto da rotina esportiva desde muito cedo. Além do cumprimento das obrigações escolares, há também, o cumprimento dos deveres relacionados a sua carreira que pode ser considerado uma atividade profissional. O aprendiz atleta se diferencia dos demais alunos por duas razões: a primeira, é o fato de estarem em uma situação de dupla carreira no esporte e na escola; a segunda, é que a carreira esportiva pode vir acompanhada de uma estigmatização baseado no glamour do esporte espetáculo, produzindo relações tensionadas pelas crenças do senso comum e o cotidiano do jovem atleta (CONCEIÇÃO, 2015). A partir de então, o jovem atleta pode projetar seus principais sonhos de realização pessoal na figura do

esporte, deixando de lado os bancos escolares, enquanto, os demais alunos podem acreditar que sua permanência nos referentes bancos pode vir a contribuir de alguma forma na obtenção de empregos futuros.

Assim, sob a tutela da família ou não, o jovem atleta passa todo o período de formação interagindo com os diversos estímulos das duas instituições as quais se dedica: o esporte e a escola. A família está ao lado do aprendiz durante período compreendido socialmente como importante, momento identificado como sendo de formação. A leitura de como cada espaço pode auxiliar ou não o projeto de profissionalização no esporte deve ser debatido pela agência família. Dessa forma, as ações que permitem a participação no campo esportivo são importantes mecanismos que se estruturam e contribuem para que o desenho familiar seja construído, assim, os atores assumem seus papéis entrando em cena de forma direta ou indireta nas ações que formam os jovens.

O presente texto busca, portanto, identificar a partir das narrativas dos jovens atletas quais os elementos que pertencem ao envolvimento familiar na elaboração do projeto individual de carreira desse jovem em formação. Vamos creditar que os jovens atletas aceitaram o desafio de interagir com os estímulos produzidos por duas agências de formação com projetos distintos. E podemos sugerir que a decisão da família em participar no diálogo entre o esporte e a escola pode indicar ao jovem atleta os caminhos e estratégias que devem seguir para concretizar o seu objetivo de vida.

2.1 Metodologia

Esta seção abrange os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo, especifica o desenho do estudo e os instrumentos, população e amostra, procedimentos de análise, e os procedimentos éticos.

Desenho do estudo e instrumentos

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo. A presente pesquisa teve duas fases de coletas de dados. Na primeira fase utilizamos um questionário de questões abertas para entender a rotina diária dos jovens atletas para atender às

demandas de treino, estudos e lazer. Através do questionário utilizado na primeira fase buscou-se adquirir informações sobre o tempo gasto no deslocamento dos atletas para locais como a escola, o local de treinamento, cursos, assim como, as relações sobre o tempo de treinamento, nível educacional dos atletas e dos seus pais, informações sobre a escola. A segunda fase de coleta de dados ocorreu a partir de uma entrevista semiestruturada visando aprofundar tópicos que foram sondados já no questionário trabalhado na primeira fase.

População e amostra

Nesse trabalho será apresentado as falas de 18 jovens atletas selecionados que participaram da primeira fase da pesquisa, e após a participação da primeira fase, demonstraram o interesse de seguir contribuindo com o estudo, assim, o presente estudo é um recorte de uma pesquisa maior. A lista inicial de atletas contou com 212 estudantes-atletas, que correspondem aos atletas do Programa Bolsa Atleta que foram contemplados com o auxílio do governo federal e estavam inseridos na categoria estudantil, no ano de 2011 e receberam o auxílio no ano de 2012, totalizando.

Após contato com os 212 atletas, conseguimos aplicar questionários para uma amostra de 166 atletas em sua primeira etapa, onde os atletas responderam o *survey* com questões fechadas. As entrevistas foram realizadas a fim de aprofundar temas relacionados a formação esportiva, educacional e familiar. Os atletas possuem idades entre 14 e 24 anos. Os atletas no momento das entrevistas residiam nos seguintes estados: Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Brasília e Paraná. Tais atletas foram selecionados a partir do interesse de continuar participando da pesquisa.

Procedimentos metodológicos

O primeiro contato foi realizado a partir de uma carta-convite, enviada pelos Correios, que informava os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como a justificativa de realização da mesma. Após 15 dias do envio do convite, foi iniciado o contato através

da utilização do SKYPE¹ ou telefone fixo. O pesquisador se apresentava e, caso o atleta não tivesse recebido o documento via Correios, explicava o contexto da pesquisa e realizava o convite para sua participação. Foi criado também uma página na rede social Facebook para aumentar a interação entre os pesquisadores e atletas. Antes da aplicação dos questionários, explicamos aos atletas os objetivos da pesquisa, e deixamos claro para os atletas que eles não teriam suas identidades reveladas na pesquisa.

Procedimentos de análise

Com as informações coletadas na primeira etapa da pesquisa, os dados foram inseridos em uma planilha no programa Microsoft Excel e a análise estatística foi realizada com o programa SPSS² para Windows (versão 18.0). A segunda fase de coleta de dados ocorreu a partir de uma entrevista semiestruturada, tendo em vista a análise do projeto individual enquanto do jovem atleta e as estratégias criadas a partir da história familiar.

Foi utilizado formulário de entrevista³ semiestruturada que pontuavam os seguintes eixos temáticos: I) Dados gerais; II) Relação com o esporte; III) Apoio no esporte: familiar, técnicos, professores ou conhecidos; VI) Família; V) Esporte e escola.

Neste trabalho, utilizamos apenas as informações da segunda etapa da coleta de dados. De um modo geral, está concentrado na fala dos atletas sobre família e escola, contudo, cabe delimitar os assuntos que serão abordados. Sobre a família será apresentado falas sobre os membros que o apoiaram seja membro da família ou pessoas próximas. Sobre a escola o recorte será sobre a partir de aspectos que envolvam o assunto conciliação.

Procedimentos éticos

¹ Skype é um software que possibilita comunicação de voz e vídeo via internet, permitindo a chamada gratuita entre usuários. Além de possibilitar a comunicação com outros meios de comunicação como celulares e telefones fixos.

² *Statistical Package for the Social Sciences*.

³ Os formulários se encontram nos anexos desse trabalho.

As entrevistas e os questionários foram aplicados mediante a permissão e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética

2.2 RESULTADOS

A utilização da bolsa pelos atletas é uma maneira de permitir que eles deem continuidade as suas práticas esportivas com o mínimo de apoio. Para manter-se na perspectiva de chegar ao alto rendimento é necessário investimento financeiro desde a iniciação até a profissionalização. O valor da bolsa apenas auxilia em alguns aspectos como foi apontado pelos atletas entrevistados. A fala da atleta 16, do Ciclismo confirma esse sentido atribuído ao auxílio da bolsa. Quando perguntada sobre o que a bolsa ajuda, a resposta foi “em custos de viagem, hospedagem, alimentação de viagem, material para bicicleta, suplementação também”.

Pode ser debatido se o valor recebido deveria ser utilizado para finalidade de custear viagens e hospedagem por estarem relacionadas a ações que a equipe do atleta poderia se responsabilizar, já que a atleta atua como uma funcionária do clube. A partir da fala da atleta pode ser destacado como o único investimento que ela se permite realizar em si com o valor recebido da bolsa é a aquisição de suplementos. Assim, fica exposto que a bolsa contribui não apenas para questões que envolvem o atleta, mas também, questões relacionadas a material e custeio de deslocamentos. Isso demonstra o quanto o esporte no Brasil ainda precisa ser debatido e problematizado em relação as questões da profissionalização de atletas residentes nas categorias de base.

A bolsa cumpre em partes como foi apresentado acima sua finalidade de auxiliar jovens atletas na construção da carreira, não há dúvidas que sem apoio financeiro oriundo das famílias, muitos atletas já teriam abandonado o esporte. Mesmo que o auxílio do programa contribua com o desenvolvimento dos atletas, ocorre a necessidade de as famílias investirem valores com o intuito de permitir que os atletas deem continuidade as suas carreiras.

Além da questão financeira, o atleta necessita de outros investimentos que não tem nenhuma ligação com o valor financeiro. Os apoios emocionais e psicológicos também fazem parte da construção de um atleta e diretamente recai novamente sobre a família

as responsabilidades de manutenção desses aspectos, não apenas no sentido financeiro, mas, no apoio e na orientação. Em suma, a família do jovem atleta assume a preocupação com aqueles que estão à margem da profissionalização conciliando diversos pontos da vida social entre eles os valores educacionais.

É sobre os pontos que envolvem a participação da família que este trabalho se concentrará. Pretende-se permitir compreender melhor as ações que envolvem a formação a partir do conhecimento de casos em que a família atua na formação e construção de um atleta. Neste texto, serão trabalhadas as falas dos alunos/atletas em relação a família e a prática esportiva, os papéis sociais da mãe e do pai e o papel dos professores e colaboradores na formação esportiva. As falas refletem as situações vivenciadas cotidianamente por diversos atletas das categorias de base que assumem o interesse de participarem de equipes esportivas com o intuito de ser profissional, ou seja, possuem o desejo de viver apenas do que o esporte lhe oferece.

2.3 A família e a prática esportiva

O seio familiar se caracteriza como importante célula na formação da sociedade, responsável por contribuir na formação do indivíduo enquanto criança, adolescente e até mesmo durante a fase adulta. É difícil não compreender a família como núcleo central de formação da sociedade. A família é a formadora primária do indivíduo. Muitos jovens iniciam o seu interesse pela prática esportiva a partir dos hábitos que são vivenciados por meio da família.

A família se concentra na formação e preparação do indivíduo para a sociedade. Assim, a família apresenta questões relacionadas ao esporte, apesar dela ser um importante incentivador da prática e do desenvolvimento esportivo. Há em determinados casos a existência do temor por parte de agentes familiares envolvidos. É possível, compreender essa posição a partir do olhar que se constrói para o esporte no Brasil. A formação esportiva é pouco valorizada, poucos atletas conseguem obter êxito em sua profissão. Dessa forma a preocupação com assuntos relacionados tanto no sentido da formação profissional como em outros campos devem ser abordadas, permitindo a reflexão sobre os assuntos que estão em pauta na agenda de atletas aspirantes.

A atleta 1 relata que apesar de seu interesse pela modalidade sua mãe se posicionava de forma contrária a sua participação em treinos e competições que aconteciam da modalidade Kickboxing, modalidade que a atleta 1 praticava anteriormente, a mãe era contra, pelo fato de identificar um alto nível de violência. Além de modalidades ainda serem percebidas como é o caso das lutas um espaço dificultado para meninas conseguirem inserção. Contudo, uma tia da atleta entra em cena e sugere a inserção da jovem em outra modalidade, teoricamente menos violenta, assim, se estruturou o início da atleta na modalidade judô.

Entrevistador: Então, me conta sua história com o esporte. Com que idade você começou?

Atleta 1: No judô eu comecei tarde, comecei com uns 11 anos. Comecei com 11, através do Marco Antonio, eu praticava outro esporte, outro tipo de luta. Minha mãe falou que era para eu não competir porque era muito perigoso, para eu não ficar. Aí a mãe do Marco Antonio falou: "ah tenta o judô então". Eu meio contragosto de cara emburrada fui, gostei e agora estou aí até hoje.

O atleta 2 também aponta a participação fundamental de um outro membro da família que não é o pai e a mãe. O papel exercido pelo avô do atleta foi fundamental, pela estrutura que a família do atleta assumiu, pais separados e cada um residindo, devido suas profissões, em estados diferentes. Dessa forma, quem se tornou responsável por acompanhar e auxiliar nos deslocamentos do jovem atleta no esporte foi o avô. Perguntado sobre pessoas que foram fundamentais na construção de sua carreira, o atleta imediatamente aponta seu avô como sendo de extrema importância no funcionamento da logística organizada no processo de formação esportiva.

Meu avô me ajudou bastante, meu avô era, tinha bastante treino de madrugada no período que eu era colegial ensino fundamental, ensino médio, já tinha essa rotina de dois treinos por dia, mas como pela manhã era o colégio, os treinos eram de madrugada, então era às 5:00 horas da manhã na água. Treinava de 5:00 horas às 7:00 horas na água, ia para escola e treinava a tarde e meu avô fez esse papel de motorista nas madrugadas e acordava às 4:00 horas da manhã para me levar (Atleta2).

Tanto no caso da atleta 1 como no caso do atleta 2 identificamos que pessoas ligadas à família de forma indireta tiveram importância no desenvolvimento na formação do atleta. A participação de outras pessoas não significa que os pais não participem ou apoiem a escolha dos filhos, mas, demonstra que devido a acontecimentos como apresentado a separação dos pais ou a rotina do cotidiano faz com que outros mecanismos envolvendo outras pessoas sejam construídas.

Foi apresentado dois resultados de casos que apontam a importância de pessoas ligadas a família, mas, que não eram responsáveis diretos pelos atletas. Analisando as falas dos atletas identificamos a importância compreendidas por eles, em relação, aos pais e as mães. O próprio atleta 2, reconhece que seu pai teve importância nessa construção principalmente por ter participado de forma ativa em relação aos aspectos financeiros que envolvem a carreira esportiva.

Em termo de família acho q meu pai, meu pai não tinha esse contato porque ele continuou morando em Aracaju, mas, em relação a questão financeira, foi sempre ele, foi ele, assim, o principal. Mesmo sendo pouco ligado ao esporte, sempre apoiou bastante em competições nacionais, brasileiros, ele sempre bancava (Atleta 2).

O atleta 3 que pratica a mesma modalidade que o atleta 2, aponta em sua fala a mesma situação. O pai se torna o maior e durante longo período ligado ao esporte o único patrocinador do desejo do filho de se tornar atleta de natação. Pela falta de incentivo e apoio inclusive do próprio clube que o atleta representa, em muitos casos ocorre essa situação na rotina de diversos atletas das categorias de base do esporte. O atleta tem que contar com o apoio financeiro oriundo da própria família.

Entrevistador: E quando você era atleta, você tinha algum outro tipo de apoio financeiro? Sem ser o bolsa atleta.

Atleta 3: Em geral, assim, não. Mais o meu pai mesmo.

Entrevistador: Seu pai?

Atleta 3: Aham

Entrevistador: E qual era os gastos que você tinha sendo atleta? Para viagem. O que você gastava?

Atleta 3: Compra de materiais, renovação de materiais, como fast, equipamentos de treino, as viagens em si, alimentação, e todo esse gasto, assim, entorno das competições.

Entrevistador: Então muitas vezes seu pai tinha que ajudar financeiramente para você viajar, ir para o campeonato?

Atleta 3: Muitas vezes.

Apesar das questões que foram apresentadas acima referente a participação com maior grau de interesse por parte de um membro direto da família, ou do incentivo e cuidado de membros como avôs, tios e tias, também encontramos como no caso do atleta 10, a participação de ambos os pais no interesse de possibilitar o sucesso do filho. O atleta 10 participa da modalidade atletismo, e como foi informado na entrevista conta com o apoio dos pais na medida do possível para seu sucesso nas pistas. Como relata na sua fala.

Atleta 10: Sempre quando eu preciso de alguma coisa, tipo levar para competição, levar alguma coisa pra comer. Como minha mãe tem restaurante, ela sempre me dar alguma coisa. Vamos dizer “mãetrocínio” sempre tem.

No mesmo sentido, relatando o apoio dos pais o atleta 4, apresenta como sua família lhe proporciona apoio no cenário esportivo. O atleta conta com o apoio de todos os familiares. Independente se os pais não podem estarem presentes, outros membros cumprem o papel de apoiadores, dessa forma, o atleta 6 sempre estava acompanhado em treinos e competições, exceto, quando foi para outro Estado. Na sua fala podemos reforçar a questão do temor por parte da personagem da materna em relação com o esporte. Não apenas quando o filho deixa o estado para treinar em outra equipe.

Entrevistador: E o apoio da tua família?

Atleta 4: Minha família sempre me apoiou em tudo que eu almejei assim, tudo que eu quis por acreditar que fazia bem, ou seja, tudo que fazia bem para mim eles acreditavam em mim, me davam muito apoio. Meu pai então nem se conta. O meu pai fez de tudo para mim e ainda faz. Minha mãe era mais temerosa que meu pai.

O atleta 11 relata em sua fala quando perguntado sobre o apoio da sua família, um posicionamento de seus familiares de não oferecer cobrança, de não pressionar o atleta para conquistar bons resultados.

Entrevistador: me conta sobre o apoio e incentivo dos seus pais e sua família para você se tornar atleta.

Atleta 11: Ah, eles... quando eu vou numa competição eles não me cobram tanto, eles falam para mim dar o meu melhor e o que eu conseguir está de bom tamanho, para mim não ir pressionado, para mim ir e fazer o meu judô.

2.4 Família e papéis sociais

Os atletas relatam ao longo das entrevistas que os papéis sociais em especial do pai e da mãe em relação ao esporte é diferente. As histórias de iniciação esportiva que foram informadas apresentam o pai como sendo aquele que investe e acredita na formação esportiva. O pai é aquele que acredita que o filho chegará à profissionalização. Já em relação a mãe, os atletas se referem a ela, como sendo um ponto de equilíbrio, não permitindo que os sonhos de formação esportiva sobressaiam a realidade. É a mãe que ocupa o papel de se preocupar com outros fatores, por exemplo, a escola ou outros afazeres. Também é relatado que há o apoio da mãe

apesar e desse apoio sempre ser produzido juntamente com a preocupação com a escola. Porém, os participantes identificam um interesse maior na profissionalização esportiva por parte do responsável paterno do que materno.

A atleta número 18 aponta a participação dos pais em sua carreira. Apesar dos pais não terem sido atletas, o pai no discurso da atleta é o responsável direto por influenciar a sua permanência no esporte. O fato de pai ser professor de educação física e estar em meio ao debate esportivo, serve como fonte de incentivo para filha. Já a presença da mãe a partir do que pode ser observado pela sua fala é menos ativa e influente do que a participação do pai.

Entrevistador: Alguém da sua família é atleta também, algum membro da sua família compete, me conta a história de da sua família relacionado ao esporte?
Atleta 18: Bom, não tem muita história não. Sei que meu pai e minha mãe disseram que gostavam de correr, mas nada profissional, nada que, que tenha sido competição relacionada ao atletismo mesmo, meu pai se formou em educação física e hoje ele é professor de educação física. Então é mais um incentivo para eu continuar também. Hum, ele me incentiva também através disso.

Em outra entrevista a atleta número 6 também aponta a importância da família, contudo, nesse caso, o pai da atleta praticava a mesma modalidade que ela praticou. Apesar do apoio do pai, o mesmo não participa de forma ativa das competições. Além, da atleta comentar sobre o posicionamento da mãe, que sempre se demonstrava preocupada com os estudos da atleta.

Entrevistador: Como era a ligação da sua família com a sua prática esportiva?
Atleta 06: Era bem assim, meu pai ele foi esportista, então, ele me apoiava muito, corria atrás de tudo da natação, comprava “aquele maiô” bom, que eu achava um absurdo pagar aquele valor lá e minha mãe muito ligada aos estudos. Então, minha irmã muito estudiosa, se destacava muito nos estudos e “eu se destacava” muito no esporte. Então sempre foi muito dividido. Mas nunca faltou apoio de nenhum dos lados. Meu pai me apoiava muito, mas também não era de ir na competição comigo, me acompanhava de longe [...] nunca me pressionou demais. Isso que eu acho que me ajudou bastante, eu acho que foi a melhor forma que ele pôde me ajudar, entendeu? [...] Tem gente que gosta do pai muito perto e tem gente que não gosta. Meu pai ele não viajava comigo, mas sempre que eu precisava dele, ele estava lá. Então eu contava mais com ele na parte dos esportes. Agora minha mãe eu contava o resultado para ela, achava bom, tal e sempre me voltava com uma pergunta sobre os estudos. Então eu achava isso bom porque era um equilíbrio. Se eu tinha uma satisfação nos estudos estava ali para falar com a minha mãe, nos esportes estava indo falar com meu pai. Eles nunca bateram de frente quanto a isso, então me ajudou muito, era um equilíbrio da família mesmo.

Na fala de ambas as atletas pode ser percebido a influência mais ativa da personalidade do pai. O pai exerce o papel de incentivador e interessado pelas questões esportivas. A mãe participa como uma mediadora para que a tentativa da profissão esportiva não entre em conflito com outras áreas da formação social, como por exemplo, a formação escolar. Discurso percebido mais fortemente na fala da atleta 6.

Contudo, há uma diferença quando o pai é ausente por qualquer que seja o motivo. Nesses casos, foi identificado que a mãe acaba apoiando o atleta, ou seja, a nesse sentido uma troca de papéis sociais a partir da ausência de um. Diferentemente das falas apresentadas acima, a fala abaixo representa justamente o posicionamento de uma mãe em relação a ausência o pai.

Entrevistador: Me conta sobre o apoio e incentivo dos seus pais ou familiares para o seu desenvolvimento no esporte.

Atleta 5: Então, minha mãe me ajuda bastante, cuida do meu psicológico, fala que vou conseguir e tal. Isso para mim já é muito bacana, sabe, no meu psicológico, para mim ficar tranquilo e tudo, dar meu máximo no treino, porque quando eu chego aqui tento esquecer de tudo, que se você ficar sempre se preocupando com uns problemas aí você não consegue treinar direito. Acho que é a mesma coisa de você estar trabalhando, assim e estar com os problemas na cabeça, eu tento esquecer tudo e isso minha mãe conversa bastante comigo também, para esquecer as coisas.

Diferentemente do atleta 5, a atleta 7 em um primeiro momento não teve apoio do pai, por se tratar de ser uma modalidade que envolve luta. Mas, com o passar do tempo, e a partir do apoio dos outros familiares, mãe e dois irmãos, o pai passou a aceitar a ideia de que sua filha havia se tornado judoca e passou a apoiar as ações da filha relacionadas ao esporte.

Entrevistador: E como foi aceite da sua família relacionado a você praticar o judô? Eles aceitaram, apoiaram ou houve aquele olhar meio torto?

Atleta 7: É, meu pai não gostava muito, porque ele achava um esporte muito masculino, luta. Mas, ele foi se adaptando vendo que fez com que eu crescesse muito, me ajudou muito, todas as coisas que eu faço o judô está associado. Então, ele aceitou e minha família toda agora me apoia.

2.5 Professores e colaboradores: membros da família

Há indivíduos que acabam por fazer parte da família dos atletas, não pelo fato de serem realmente membros da família ou possuírem laços sanguíneos, mas, pela consideração por terem sido importantes e estarem ligados diretamente aos atletas em relação a sua formação esportiva. Identificamos alguns casos que refletem isso,

como no caso do atleta 5, que foi observado por um professor de educação física durante uma aula na escola, recebeu o convite para realizar testes e acabou sendo aprovado. Esse professor foi o responsável em ensinar os quatro nados que compõem os estilos da natação. Foi devido ao olhar de um profissional que o atleta foi identificado e deu continuidade à prática esportiva visando a profissionalização. Na semana em que ocorreu a entrevista o atleta recebeu a informação de que havia conseguido ingressar na seleção brasileira de sua categoria. Hoje treina em um centro na cidade de Bragança Paulista juntamente com grandes nomes da natação paralímpica nacional.

Entrevistador: Como você começou no esporte?

Atleta 5: eu comecei no esporte quando tinha 9 anos, estudava numa escola de ensino fundamental em Bragança mesmo, aí o treinador, ex-treinador Miguel, ele achou que eu tinha jeito para nadador, ele já dava treino aqui e tudo, e me pegou e me convidou. O que você acha de fazer umas aulas lá? Aí eu falei: Tudo bem, vamos lá! Então, eu vim e gostei pra caramba do esporte e nunca tinha feito outro esporte na vida sabe, só tinha jogado futebol, assim, por brincadeira com os meninos da escola e tudo, mas algo sério mesmo foi na natação. Aí fiquei treinando 1 ano, treinando com o Miguel, tendo aula com o Miguel. Ele me ensinou os quatro estilos. Então, me passou para o Marcão, que é o técnico da seleção brasileira agora.

Já o atleta 2 não identifica apenas o papel do treinador como um reconhecedor de talento, nesse sentido a perspectiva é semelhante ao atleta 5, mas, o atleta 2 traz em sua fala dois pontos interessantes que ajudam a entender e desenhar o cenário esportivo de atletas que estão iniciando a carreira. O primeiro ponto utilizando a fala do atleta, é a ideia do oferecimento de bolsas, algumas modalidades esportivas como é o caso da natação, são modalidades que na maioria das vezes são realizadas em espaços fechados, para sua realização o interessado tem que pagar uma mensalidade. A concessão de bolsa é uma forma de propiciar aos que não possuem condições de arcar com os valores, uma forma de estarem inseridos nesses espaços. Uma outra forma da oferta da bolsa é a mesma que ocorreu com o atleta 2. Pelo reconhecimento do seu potencial esportivo foi contemplado com uma bolsa que o isentava de qualquer pagamento.

Entrevistador: A gente vai entrar um pouco agora no aspecto da família dos treinadores, técnicos. Quais foram as pessoas fundamentais para você se tornar um atleta?

Atleta 2: Acho que foi em termo de treinador foi meu primeiro treinador que viu que eu tinha potencial e deu essa força e orientação. Eu entrei na equipe com 100 por cento de bolsa, ele viu que eu tinha potencial e foi o primeiro que

identificou que poderia vir a ser um atleta de alto rendimento, acho que todos os treinadores eu aproveitei bastante, mas aprendi muitas coisas com o esporte e tudo acho que devo ao primeiro. O terceiro treinador que eu tive que foi o que me ajudou nessa minha má fase de 2008, comecei a treinar com ele em 2009 e foi que eu tive essa volta, consegui melhorar e dar essa alavancagem.

Um outro ponto que o atleta apresenta no trecho acima é o papel do treinador como aquele que ajuda nos momentos de dificuldade. Nessa fala pode ser identificado que o treinador do atleta realiza a função de que outros atletas já identificados nesse texto, atribuem a família. O atleta informa que no ano de 2008 enfrentou um momento complicado em sua carreira, pensando inclusive em desistir de ser atleta. Como já estava residindo em São Paulo, dividindo um apartamento com outros dois nadadores, não havia a família para estar presente nesse momento, assim, a escolha de trocar de treinador não correspondeu apenas a uma decisão técnica, mas também, em relação aos aspectos motivacionais. Abaixo segue a fala do atleta em que comenta esse momento de “frustração” da carreira e reforçando a importância do treinador nesse momento.

A frustração foi o período que eu passei acho que 2008, eu passei um momento de não estar melhorando resultado e inclusive cheguei até pensar em parar de nadar, não estava feliz com o que eu vinha fazendo, treinando e se dedicando, mas o resultado não estava vindo, então acho que foi o momento mais frustrante da minha carreira. Conforme não vem resultado, também não vem apoio de clube, de financeiro, a questão do financeiro se não vai bem você não está indo bem, fica difícil a manutenção. Mas, eu fiz uma mudança de treinador e aí eu dei uma alavancada, sai desse período de má fase e vim melhorando sempre a cada competição, eu estou melhorando nos tempos chegando mais próximo as seleções e aumentando meus resultados (Atleta 2).

O treinador não cumpre apenas o papel de observar e encaminhar tarefas para que se alcance a melhoria técnica, ele representa um orientador para seus pupilos. Destaco a fala do atleta 5 em relação a sua descoberta da possibilidade de conseguir o auxílio do programa bolsa atleta. Ele informa que a partir do resultado positivo que alcançou em uma competição nacional, o treinador o informou que seria possível conseguir a bolsa e auxiliou o jovem atleta a dar entrada no processo de solicitação.

Entrevistador: Como você conheceu o bolsa atleta?

Atleta 5: Então, o bolsa atleta, faz dois anos que eu estou recebendo a bolsa e foi meu treinador mesmo que falou para mim. Eu participei das paraolimpíadas escolares, fui medalhista lá, ganhei. Se você ficar entre os três você consegue essa bolsa. Então, meu treinador verificou para mim e tal. Fiquei super feliz e ele foi lá e me ajudou em tudo. É muito importante sabe, porque às vezes você tem que abrir mão de muitas coisas, assim, da sua vida para se dedicar ao esporte e o dinheirinho é pouco mas ajuda bastante a gente que é atleta.

Assim, como o atleta 5, o atleta 12 também encaminhou sua resposta quando questionado sobre como e quem o incentivou a se inscrever para concorrer a bolsa. O atleta 12 apontando como fundamental o papel do treinador, tanto no sentido de incentivador como na função de ser aquele que leva a informação da existência do programa e sua finalidade.

Entrevistador: Como você se inscreveu no bolsa atleta?

Atleta 12: Cara foi através do incentivo do professor. Ele chegou e falou: Pô Thi, corre atrás do bolsa atleta. Ele que foi atrás, para explicar para gente como que era e tudo, depois fui pegando a documentação e me inscrevi.

Entrevistador: Então você soube do programa através dele mesmo? Ou você já sabia?

Atleta 12: Não, não sabia, tive o conhecimento através do professor.

O atleta 12 informa ainda a importância não apenas do seu treinador atual, mas, no decorrer da entrevista relata a importância de outros treinadores que anteriormente participaram da sua formação esportiva. Pode ser identificado que há sempre uma cobrança em relação ao cumprimento do horário de treinamento, e a busca de uma seriedade nos treinamentos, a seriedade e a dedicação seriam pontos essenciais ao sucesso, no entendimento dos treinadores, com esses pontos os resultados ao longo do tempo surgiriam.

Entrevistador: E fora esse treinador, teve outra pessoa na sua família que te incentivou? Como era esse incentivo do seu treinador?

Atleta 12: Então, na verdade eu tive quatro técnicos que me ajudaram bastante, todos eles incentivavam muito, cobrava no treino, era sempre com puxão de orelha mesmo, não tinha moleza.

Entrevistador: Como era a cobrança?

Atleta 12: Era cobrando questão de horário, tinha que chegar no horário, chegar mais cedo para fazer o trabalho, ele ficava em cima vendo se estava fazendo o trabalho direitinho, porque querendo ou não a cabeça dá uma fraquejada na hora, aí rola aquele "migue" no treino e ele estava lá para não deixar e te cobra ao máximo para você dar o seu máximo e chegar na competição você conseguir um resultado.

Durante as entrevistas surge um outro exemplo de como o esporte amador no Brasil é estruturado em determinadas modalidades. O atleta 8, assim, como os demais atletas relatam a importância do treinador na descoberta e na orientação para realizar o requerimento da bolsa. O atleta no período da entrevista já estava inserido no campo do trabalho formal, o atleta trabalha em uma instituição pública, sendo aprovado em concurso público. Como o atleta narra, sempre que ocorre sua convocação para a seleção, ele solicita um documento a confederação, esse documento comprova sua chamada para a competição e seus superiores no trabalho autorizam sua liberação para participação. Além do atleta já trabalhar, ele antes de tomar posse conquistou o bolsa atleta quando participava em duas modalidades atletismo e futebol. A primeira seleção para receber o bolsa atleta foi a partir do atletismo, já a segunda originou-se pela sua participação no futebol, esporte em que atualmente é atleta.

Entrevistador: Como você descobriu o bolsa atleta?

Atleta 8: O bolsa atleta descobri quando eu estava no atletismo, aliás eu comecei com futebol, depois me dei bem no atletismo e parei um tempo com futebol. O atletismo, então, foi no atletismo que descobri, meu técnico falava, nossa, tem que ficar entre os três no Brasil, ou entre os três mundial, ou paraolímpico e tal, só de ir para a paraolimpíada tem bolsa atleta. Eu fiquei entre os três no nacional do atletismo, então, realizei o requerimento da bolsa.

O atleta 9 relata a importância de duas pessoas no incentivo de sua participação como atleta, uma é a professora de educação física da escola em que o aluno estudava, caso, que já foi comentado por outro atleta acima, e uma outra pessoa é um organizador do evento que a partir do resultado conquistado pelo atleta, percebeu seu talento para a modalidade e por perceber que se tratava de um aluno novo naquele espaço de disputa, se aproximou e fez contato com outros técnicos para que o aluno pudesse iniciar no esporte.

Atleta 9: Os jogos escolares ocorreram em Santa Maria. Todas as escolas se juntavam para participar da competição. A professora de educação física, agora eu não lembro o nome dela, me falou dos jogos, mas eu não estava muito animado para participar. Aí me colocaram no tênis de mesa. E eu não sabia jogar nada, só fui para participar mesmo. Aí joguei, participei e fiquei em terceiro. Então, uma das pessoas que estava organizando, olhou para mim e me falou: Você tem muito potencial para jogar. Isso já faz 6 anos que eu não pratico tênis de mesa.

As relações entre treinadores e atletas são relações de proximidade. O caso vivenciado pelo atleta 13 representa reações de cuidado e afeto que pode ser

comparado entre pais e filhos. O atleta foi relacionado para passar um ano, em um centro de treinamento na cidade de Uberlândia, e mesmo com a distância, atleta e o ex-treinador mantiveram contato.

Atleta 13: Desde que eu iniciei, ele sempre acreditou em mim (treinador), e sempre está ao meu lado, até mesmo quando eu fui convidado para o centro de treinamento (Uberlândia), para ficar um tempo lá, ele sempre esteve junto comigo, me apoiou. Foi uma experiência muito boa lá. Ele foi uma das principais influências para que eu pudesse ir.

A atleta 15 aponta em sua fala mais personagens que atuam como contribuidores para que a carreira esportiva possa ser desenvolvida. Em sua entrevista a atleta informa que descobriu a existência do programa através de amigos que informaram da possibilidade de ser beneficiada.

Entrevistado: E como você se inscreveu no Bolsa Atleta?

Atleta 15: Foi através dos meus amigos, que falaram e aí eu corri atrás, pesquisei e encontrei.

2.6 DISCUSSÃO

A partir das entrevistas pode-se desenhar alguns aspectos que tem na família o ponto central na construção dos atletas. Entende-se que a família é a agência que desempenha importante função em relação ao desenvolvimento do talento dos seus membros (SILVA; FLETH, 2010), independente da faixa etária, a família é responsável em contribuir com aspectos positivos como possibilitar acesso à educação, o desenvolvimento pleno das potencialidades de seus membros e garantir que os direitos assegurados em lei sejam cumpridos (DESSEN; POLONIA, 2007). No caso dessa pesquisa, nos debruçamos em relação a jovens atletas que visam uma futura profissionalização no campo esportivo seriam os beneficiados por esses cuidados familiares.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010,) reforçam esse sentido e valor que a família possui na sociedade quando informam que “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social” (p. 100).

Dentro da família seus membros dividem-se em apoiar ou não a rotina esportiva. Foi percebido que ocorre o respeito de todos os membros em relação a inserção e permanência do atleta, nas atividades de treinamento e competições, contudo, há aqueles membros que por não concordarem ou por terem a opinião que tal modalidade é arriscado, se posicionam temerosos em relação ao seguimento esportivo.

Há diferenciação das opiniões entre os pais e as mães, sobre a construção da carreira. Há mães que se posicionam a favor, porém, segundo as falas que foram observadas, é o pai que apoia de forma mais frequente e de forma mais intensa o jovem em suas tentativas esportivas. Assim, a mãe toma o posicionamento de se colocar mais preocupada com questões relacionadas a outros aspectos do cotidiano como os aspectos educacionais.

Isso ocorre pelo fato de se acreditar que a escola oferece um poderoso conhecimento capaz de permitir melhores condições de trabalho e de disputa. O campo de trabalho está cada vez mais competitivo (YOUNG, 2007). Um ponto que a sociedade moderna passou a assumir, é acreditar que quanto maior o capital institucionalizado, maiores são as possibilidades de empregabilidade.

Assim, é interessante perceber como esse discurso fica cada vez mais enraizado em diversos níveis da sociedade. Dois pontos parecem ser fundamentais para que seja entendido esse posicionamento contrário a rotina de atleta de alguns membros da família, pelo o que foi observado com maior frequência esse papel compete a mãe. É notório que a sociedade crê hoje que quem possui um alto grau de escolarização tem indicadores que contribuem para aquisição de emprego no campo formal.

Outro ponto é o papel que o peso do nome das instituições educacionais tem no campo do trabalho, ou seja, quem pode ter frequentado espaços que são reconhecidos como sendo boas instituições educacionais acabam por ter maiores chances de empregabilidade, essa crença segue ganhando cada vez mais espaço em todos os níveis educacionais (BALASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005). Nesse cenário também há a preocupação com um efeito que vem ocorrendo como mais intensidade com a expansão dos níveis de escolaridade que é a desvalorização dos títulos escolares fruto da desenfreada emissão de diplomas e da ampliação da rede educacional, em especial, da rede particular de ensino.

Pelo fato da escola ainda ser tida como espaço de aprendizagem e conhecimentos importantes. A família busca que a conciliação do esporte com a escola ocorra da melhor maneira possível. Em relação ao jovem atleta e sua rotina, a escola demonstra preocupação pelas possíveis faltas, pelos longos períodos de ausência devido as competições, pelo possível comprometimento do rendimento escolar, a dificuldade na compreensão do conteúdo em uma ou mais disciplinas que pode vir a interferir no resultado final em relação a escola. Em contraponto, as redes particulares de ensino ofertam bolsas de estudos para atletas que se dedicam e atingem bons resultados no esporte, mas há sempre cobrança instalada sobre esses “bolsistas atletas” para que haja um equilíbrio. Bons resultados devem vir acompanhados de boas notas.

A inserção no mundo do trabalho reflete “os tensos e intensos trânsitos dos jovens em direção à vida adulta, o trabalho persiste como realidade, como problema e como uma das dimensões importantes para a realização e para a melhoria das condições de vida” (CORROCHANO; FREITAS, 2016, p. 156).

Já os pais se envolvem na perspectiva de formação crendo que o sucesso do novo atleta é algo possível. Nunomura e Oliveira (2014 p. 126) informam que “os pais podem participar da vida esportiva dos filhos em três níveis diferentes nos quais o comportamento pode ser uma fonte de apoio ou estresse”. Há aqueles pais que são ativos na rotina de treinamento do jovem atleta; há aquele que acompanha, porém, não cobra tanto rendimento; e tem aqueles pais que não possuem nenhum interesse pela formação esportiva do filho. O incentivo dos familiares é fundamental: em si, é demasiado complexo; depende de diversos fatores diretamente relacionados construtivamente em termos das necessidades dos familiares e dos atletas (SIMÕES; BÖHME; LUCATO, 1999).

Identifico que os pais dos atletas entrevistados estão concentrados no que os autores identificaram como sendo ativos na participação tanto no acompanhamento como na cobrança pelo rendimento, como pode ser observado na história da atleta 18 e também em relação aqueles que apoiam, contudo não se envolvem, como o caso do pai da atleta 6. Já a terceira classificação, são aqueles como o ocorreu com a atleta 7, o pai não participa e não acompanha a rotina da filha, nesse exemplo, no início da carreira a atleta encontrou resistência por parte do pai, assim como, o papel da mãe é entendido pode ser identificado como as mães que apresentamos nesse cenário.

Um outro ponto que as entrevistas apresentam é como os atletas veem o valor da bolsa que recebem. Nas falas pode ser percebido que os valores não correspondem aos gastos que são realizados pelos os atletas para se manter em atividade. Nunomura e Oliveira (2014) apontam em seu trabalho que teve como objetivo identificar e discutir como os técnicos de Ginástica Artística avaliam a participação dos pais no desenvolvimento atlético dos filhos nas categorias de base. Para os autores “os pais são os responsáveis por apresentar a prática esportiva às crianças e proporcionam os meios e os recursos necessários para que seus filhos se mantenham engajados no esporte” (p. 125). Assim, a conta desses custos entra no orçamento da família para manter o jovem no esporte, acaba por custear todos os investimentos necessários para que o prosseguimento se torne real, o mesmo movimento foi percebido nas famílias dos atletas entrevistados.

Velho (2003, p, 101) aponta que a ideia de projeto se baseia na “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Dessa forma para elaboração de um projeto deve-se levar em consideração todo o contexto de vida do indivíduo, o passado, o futuro e as perspectivas futuras devem ser levadas em consideração já que são a partir delas, a partir do ponto que se deseja chegar que serão elaboradas as estratégias para determinado fim.

Além das famílias, entra em cena na construção de projeto esportivo, treinadores e colaboradores que no desenvolvimento da carreira de atleta ocupam papel importante. São pessoas que paralelamente com a família, criam uma rede de sociabilidade que contribui com o aumento das possibilidades de sucesso no campo esportivo (BOTT, 1950; ELIAS, 1992). Tal fato foi constatado nas falas dos atletas, quando os mesmos destacam que são os treinadores que informam aos atletas a existência e a possibilidade de concorrer ao benefício esportivo. Isso apresenta uma lacuna gerencial do desporto amador, já que não foi narrada nenhuma outra forma dos atletas terem conhecimento da possibilidade de concorrer para ser selecionado no programa. Dessa forma os treinadores e colaboradores acabam pelas ações de apoio e incentivo sendo inseridos de alguma forma na família, ou são identificados como uma nova família para os atletas.

Concluindo, a narrativa dos atletas apontou para elementos que contribuíram para a sua aproximação com a meta de se tornar um atleta profissional. O investimento familiar foi percebido de forma intensa nos casos investigados. Se por um lado a figura

paterna demonstrava maior apreço pela formação esportiva; por outro, a mãe estabelecia uma estratégia de mediação da dupla carreira. Todavia, ambos foram importantes para que os atletas colocassem em curso o projeto individual voltado para a carreira esportiva. Além dessas figuras, professores e treinadores também foram apresentados como elementos das redes de sociabilidade dos jovens atletas e que exerceram forte influência na decisão em investir na formação esportiva. Esses dados nos ajudam a compreender que os projetos individuais de carreira são forjados em uma rede de relações complexas entre o jovem atleta e seus laços mais próximos. E que sem esse apoio nessa rede social, dificilmente os jovens atletas teriam o mesmo esforço para conseguir avançar na profissionalização esportiva.

Por fim, assumimos que o trabalho tentou demonstrar em pequena escala as razões válidas para que o projeto de carreira esportiva seja colocado em prática. Indicamos que as estratégias adotadas para a permanência no esporte dependiam também do apoio nessa rede social, a qual ajudavam os atletas a compreender que havia uma oportunidade de profissionalização na via esportiva. Pensamos que o trabalho, mesmo com seus limites, contribui para continuarmos aceitando que a rede de sociabilidade do indivíduo pode ser importante para a interpretação do investimento na dupla carreira.

3. INTRODUÇÃO

A formação para a profissionalização no campo esportivo vem sendo alvo de diversas investigações que tratam da demanda dessa carreira em conciliação com as obrigações escolares. A cada estudo, novos elementos são acrescentados. Tais estudos tendem a se completar e os resultados acabam por contribuir para que seja pensado novos estudos. É nesse contexto que esse estudo é iniciado. Por exemplo, o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem se dedicando a compreender como a formação esportiva e escolar é encarada na vida do jovem atleta. E a partir dessas pesquisas, empreendemos novos problemas que tentaremos elucidar ao longo desse capítulo.

O problema central das pesquisas concentradas no LABEC, sob o projeto de “Escolarização de Jovens Atletas”, está associado ao modo como os atletas conciliam as obrigações no esporte e na escola. O projeto foi iniciado a partir do estudo sobre dois jovens que começaram a carreira no futebol em uma escolinha no Aterro do Flamengo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Souza et. al. (2008) descreveram a rotina dessa escolinha de futebol, a qual tinha um projeto de parceria com o Feyenoord da Holanda. O clube europeu ficou encantado com o modo como os jovens atletas daquela escolinha de futebol jogavam e a partir daí firmou um contrato de exclusividade que levava os meninos dessa escolinha para um período de testes nas categorias de base na Holanda.

Assim, a pesquisa realizada por Souza et. al. (2008) começou a problematizar a formação profissional no futebol, a qual, em tese, tenderia a formar um projeto de desinvestimento na escola básica. O resultado e as conclusões dessa pesquisa apontavam para um cenário em que o atleta de futebol tinha pouco tempo para conciliar as demandas exigidas pelo futebol e pela escola. Dessa forma, no caso do jovem ser malsucedido na carreira esportiva, ele também teria dificuldades de alocação no mercado de trabalho formal motivado pela falta de formação técnico-profissional ou acadêmica. A partir dessa revelação, Melo (2010) realizou um estudo com 417 atletas de futebol, das categorias de base de 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa de Melo (2010) partiu do pressuposto de que os jovens atletas do futebol teriam poucas oportunidades de frequência e dedicação aos bancos escolares. Sendo

essa hipótese testada, o estudo revelou que os jovens atletas dos clubes de futebol do Estado do Rio de Janeiro tinham um fluxo escolar mais regular, com poucas retenções e abandonos, ao mesmo passo em que eles tendiam a terminar o ensino médio com mais frequência que os demais alunos não atletas do mesmo Estado.

A revelação dos dados dessa pesquisa nos levou a crer que o futebol pudesse não atrapalhar a rotina escolar com tanta ênfase como acreditávamos. Todavia, os dados positivos sobre a escolarização de jovens atletas apontados pela pesquisa de Melo (2010) foram contrapostos por outro argumento: a assertiva de que os atletas tinham mais escolaridade que os alunos não-atletas e uma maior regularidade nos estudos, camuflava os mecanismos de afrouxamento das normas regulares da escola para que eles conseguissem obter tais resultados. Esses mecanismos de afrouxamento das normas regulares permitiam que os jovens atletas chegassem mais tarde ou saíssem mais cedo da escola, faziam com que os atletas migrassem de turno escolar ou optassem por uma escola que pudesse ter uma qualidade de ensino menos exigente conforme demonstrado pela fala dos próprios atletas (ROCHA et. al., 2011).

A partir de Melo (2010) pensamos que em outras modalidades esportivas o cenário poderia ser igualmente relevante. Costa (2012) investigou o futsal feminino de Santa Catarina e Romão, Costa e Soares (2011) pesquisaram os jovens atletas de voleibol no Rio de Janeiro. Em ambas as pesquisas mantivemos a hipótese de que a rotina de formação no esporte poderia influenciar negativamente no processo de investimento na escola básica. E nos dois casos acabamos nos enganando. As pesquisas no voleibol e no futsal feminino mostraram uma semelhança ao futebol somente quanto ao cansaço físico exigido para o cumprimento da obrigatoriedade das rotinas da dupla carreira. Porém, foi nítido que o processo de investimento no esporte não era tão intenso como no futebol. Na verdade, podemos insinuar que tanto no futsal feminino, quanto no voleibol, os jovens atletas encaravam a rotina de treinamento e competições como um lazer e, se por ventura fossem convidados a assinar um contrato profissional, poderiam assiná-los.

Além disso, nos casos das atletas do futsal feminino de Santa Catarina, apareceram outro tipo de intenção quanto ao investimento no esporte: algumas delas apontaram para o fato de que elas poderiam pretender alcançar níveis mais altos de ensino através de bolsas de estudos nas universidades particulares que tinham equipes esportivas (COSTA, 2012). Essa intenção de usar o esporte como ferramenta para

atingir níveis de ensino mais altos foi uma novidade trazida por essas pesquisas, mas que também colocava a hipótese de que a rotina de profissionalização no esporte atrapalhava a dedicação aos bancos escolares. Não muito diferente disso, a dissertação de Costa e Silva (2016), quando tratou de jovens atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal brasileiro, também apontou tal variação, conforme variava a modalidade esportiva.

O problema que foi se criando dentro das pesquisas sobre dupla carreira no esporte e na escola no Brasil é que não conseguimos traçar um perfil padronizado de comportamento no teste de hipótese que tratava o esporte como uma possível causa para um desinvestimento na escola. Mas as pesquisas citadas não foram as únicas empreendidas sobre esse tema. Rocha (2013) e Correia (2014) partiram para uma outra linha de investigativa que buscava entender como os jovens atletas formaram seu projeto de carreira. A ideia de projeto de carreira está associada aos estudos da antropologia e já adiantamos que não estamos aqui para fazer uma exegese de tais estudos. Vamos apenas assumir que o conceito de projeto individual de carreira se caracteriza pela projeção de uma meta de formação profissional feita pelo indivíduo dentro de um tempo e espaço específicos (VELHO, 1997, 2003, 2010).

Vamos deixar para explorar esse conceito de projeto individual de carreira na próxima seção desse artigo. Por ora, vamos admitir que essa forma de traçar o objetivo de carreira de jovens atletas trouxe novos elementos elucidativos da formação em dupla carreira no esporte e na escola. Rocha (2013) e Correia (2014) indicaram que projeto de carreira voltado para a profissionalização no esporte poderia depender de um conjunto de variáveis que ajudavam os jovens atletas a entenderem tal profissão como uma oportunidade exequível dentro do seu campo de possibilidades. Assim, cremos que vamos seguir uma linha de investigação que buscará os mesmos elementos constitutivos de um projeto individual de carreira de um jovem atleta beneficiado do Programa Bolsa Atleta. Tentaremos entender como um atleta percebido como um excelente atleta e com um futuro a sua frente, abandona sua formação esportiva e se dedica a outra formação.

Apesar dos avanços e investimentos na tentativa de propiciar a profissionalização de atletas, ainda há muito o que se avançar sobre o tema. Contudo, alguns esforços são realizados por entidades governamentais com o intuito de proporcionar meios para que atletas consigam dar continuidade no esporte. O programa do governo federal

que contempla o maior número de atletas é o Programa Bolsa Atleta. Este programa oferece bolsa de apoio para cinco categorias. Nos interessa como foco de estudo a categoria estudantil, pois, ainda possuem vínculo com instituição de ensino fundamental, médio ou superior.

O intuito do programa é proporcionar que o país atinja posições significativas em competições mundiais, assim, mostrando ao mundo que o país é uma potência esportiva. Como se sabe para que o país chegue a esse ponto, é preciso muito mais do que a oferta de bolsa de apoio. A bolsa tem importância, isso é inegável, porém, o que faz o país chegar a um patamar de potência esportiva é o investimento em centros de treinamento e pesquisa, além desse investimento ser aplicado na base da pirâmide esportiva. O programa tem pouco mais de dez anos e na olimpíada Rio 2016 o país não conseguiu subir ao pódio na modalidade natação. Modalidade que é contemplada desde os primeiros anos de programa.

Por outro lado, a escola é uma obrigatoriedade legal, sendo um dever do Estado e da família a garantia da frequência e acompanhamento das crianças, adolescentes e jovens nessa instituição dos 4 aos 17 anos de idade (BRASIL, 1988, 1996). A escola, entre outras funções, tem como objetivo trabalhar a educação formal, preparar para o exercício da cidadania e para a formação para o trabalho (idem). Em outras palavras, é instituição que junto com a família são responsáveis por preparar crianças e jovens para a vida. Assim, os atletas em vida escolar e que buscam participar ativamente da formação esportiva têm que dividir seu tempo de dedicação entre essas duas agências.

Ao investigarmos um Programa do Governo Federal que tem a intenção de ceder aos jovens atletas algum tipo de ganho pecuniário para a sua permanência na formação esportiva, poderíamos sugerir que os atletas em idade escolar seriam exigidos a frequentar e se teria algum mecanismo de acompanhamento da sua permanência na escola. Mas a única solicitação feita aos atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta é a de que esses jovens atletas que pleiteiam a bolsa do Programa encaminhem uma declaração informando que esse atleta está matriculado, mas não há nenhum tipo de acompanhamento em relação ao rendimento e permanência do atleta na instituição. A pouca exigência desse Programa do governo sobre o acompanhamento desses atletas à escola pode ser uma lacuna que permitam formas de burlar as exigências para ser contemplado por esse benefício.

Por tratar de atletas que miram um processo real de profissionalização, é importante como apresentado acima, utilizando a escola como exemplo, compreender outros mecanismos que estão cercando o tema profissionalização de jovens atletas. Entendo que a profissionalização está dentro de um cinturão, formado por diversas agências que além da escola, também são formadas pela família e seus projetos, pelos amigos, pela expectativa de futuro e pontos que estão associados a questões socioculturais.

A ideia de projeto gira aqui entorno da família, já que esta é a responsável pelo atleta. Não há dúvidas que a escolha pelo projeto esportivo se fortifica com os bons resultados alcançados pelos atletas. A construção de um outro projeto sem ser esportivo pode ser construída a partir do momento que o atleta não atinge mais o nível esperado, mesmo assim, pode o projeto esportivo permanecer no estandarte pelo fato de algum membro da família ser o possuidor do desejo ou até mesmo o próprio atleta. Velho (1997) nos aponta que “a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto” (p. 25).

Nesse sentido, a escolha deve ser entendida como fim de um projeto e início de um novo projeto. Esse novo início passa pela avaliação e construção de um campo de possibilidades. A construção desse campo de possibilidades passa por um importante tema que é o fechamento e a abertura de novas redes sociais, por onde os atores se movem nessa construção. Assim, a mudança da construção de um projeto, está associado a mudança de convívio entre pessoas. Lembramos que pessoas estão agrupadas em grupos sociais diferentes. Logo, para iniciar um novo projeto é necessário refletir sobre as novas prioridades.

O objetivo do presente texto é apresentar as razões e causas narradas para o sucesso e o abandono da carreira esportiva por um atleta que era percebido como um potencial talento esportivo. Busca-se entender quais os fatores que influenciaram o início de um projeto e o rumo para um novo projeto de vida e as decisões em relação aos processos de escolarização e profissionalização. Na próxima seção, trabalharemos o conceito de projeto individual, campo de possibilidades, redes de socialização e escolhas para trazermos os elementos que observaremos no relato dos atletas. Vamos entender que esses conceitos se interpenetram e formam uma rede sólida para entendermos como os projetos de vida são forjados em uma sociedade complexa moderno contemporânea.

3.1 PROJETO INDIVIDUAL, REDE SOCIAL E ESCOLHA RACIONAL: CONCEITOS E OPERAÇÕES

A presente seção nos mostrará os caminhos para a formação de um projeto individual de carreira. Como já dissemos, a formação de um projeto de carreira está intimamente associada ao local e ao tempo específico em que o indivíduo se insere. É no seu contexto social que as relações são construídas e as oportunidades são formadas a partir da interação entre o indivíduo e a sociedade. Para melhor compreendermos a formação de um projeto individual de carreira, temos que trazer uma problematização sobre que tipo de sociedade estamos tratando. Velho (1997, 2003, 2010) tratava a sociedade moderna como um intrincado e complexo meio de interação entre indivíduos que podia produzir sentimentos diversos nesse meio de convívio.

A inspiração de Velho (1997, 2003, 2010) vem da conferência histórica de Georg Simmel, “A metrópole e a vida mental”, de 1902 e republicada em 1973 no livro “O fenômeno urbano”, de Otávio Guilherme Velho. Por mais cuidados que tenhamos que ter na interpretação dos conceitos de Simmel (1973), a sua ideia de metrópole nos faz adotar essa referência como fundamental para entendermos a formação de um projeto individual de carreira no âmbito da sociedade complexa. O autor, ao tratar da metrópole, indicou que o processo migratório, devido à revolução industrial, trouxe para as cidades uma gama sem fim de personagens que antes desse fenômeno sequer teriam a chance de se conhecerem. A metrópole para Simmel (1973) assumiu um papel de configuração em que diferentes tipos de indivíduos passaram a conviver.

A convivência entre esses diferentes tipos de indivíduos forçara-os a criar mecanismos de autopreservação da identidade, ao mesmo tempo em que se buscava a distinção do modelo padronizado pelas rígidas regras da metrópole. As relações se estabeleciam pelos conflitos e a variação de tipos individuais forçavam os indivíduos uma grande e intensa gama de estímulos para os quais se esperava uma resposta. O intenso e variável grupo de estímulos produzidos pela metrópole de Simmel (1973) contribuía para que os indivíduos construíssem mecanismos de autopreservação da identidade, tornando-se indiferente a alguns estímulos e naturalizando outros. Essa atitude de indiferença aos estímulos da metrópole, Simmel (1973) chamou de “atitude *blasé*”.

A atitude *blasé* é quando o indivíduo passa a desconsiderar ou ignorar alguns estímulos dessa sociedade complexa, motivado pela tentativa de autopreservação de sua identidade. Por outro lado, o indivíduo poderia desencadear outra forma de lidar com os estímulos intensos da metrópole: a repulsa ou aversão a alguns desses estímulos também passaram a fazer parte do indivíduo metropolitano. A tentativa de autopreservação do indivíduo em uma sociedade complexa moderno-contemporânea desencadeou também processos psíquicos de indiferença e aversão aos estímulos produzido por esse novo tipo de sociedade. Simmel (1973) explicou que esses mecanismos derivavam de uma defesa natural no organismo humano, como poderemos ver na citação a seguir:

Essa atitude mental dos metropolitanos um para o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva: Se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável [...] O aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado (p. 17).

Ao que se espera dos estímulos, as respostas na mesma intensidade em que esses estímulos são produzidos poderiam levar esses indivíduos a uma perda gradual da identidade individual, ou a um processo psíquico indescritível. Porém, acreditar que a reação dos indivíduos aos estímulos da metrópole gera somente sentimento de indiferença ou repulsa limitaria qualquer possibilidade de construção do campo de possibilidades desses indivíduos. Vamos assumir que é nesse contexto metropolitano que as relações individuais acontecem e as oportunidades são construídas nesse campo de possibilidades. Mas, mesmo assim, podemos considerar que a resposta dos indivíduos aos estímulos intensos da metrópole de Simmel (1973) pode ser de aceitação.

Vianna (1999), ao analisar o “Livro do Desassossego” de Fernando Pessoa, descreveu um novo tipo de atitude individual que podemos nos ajudar a consolidar o conceito de projeto individual. O autor descreve um tipo individual que pode interagir e responder a diversos estímulos diferentes na metrópole, sem que se chegue a um estado psíquico inimaginável. A esse tipo de comportamento individual, Vianna (1999)

chamou de sentimento de “ternura”. Essa forma de encarar os indivíduos coloca mais um fator que nos ajudaria a compreender a formação de um projeto individual de carreira dentro de um tempo e espaço específicos.

A indiferença, a aversão ou a aceitação do desafio da metrópole de Simmel (1973) nos faz pensar que a formação do projeto individual de carreira acontece em um diálogo intenso e constante entre indivíduo e configuração social. Ora o indivíduo pode ignorar ou se reservar diante dos estímulos da sociedade complexa moderno-contemporânea; ora o indivíduo pode aceitar o desafio da metrópole e encarar vias diferentes de formação de um projeto individual de carreira. Ao mesmo passo que encaramos a sociedade como produtora de estímulos aos indivíduos, consideramos esses últimos como protagonistas da sua própria história. Vamos entender o indivíduo como um agente da formação do projeto individual de carreira que se relaciona com tais estímulos dessa sociedade complexa.

As relações que os indivíduos estabelecem ao longo de sua vida podem também contribuir para que entendamos como algumas das oportunidades sejam percebidas por eles como exequíveis. E é nessas relações que vamos nos debruçar nesse momento para entendermos a configuração de um campo de possibilidades e, em consequência, como o indivíduo pode tramar metas de carreiras e estratégias para alcançá-las ao longo de suas vidas. Bott (1976) estabeleceu conceitos importantes para entendermos como os indivíduos estabelecem relações nas suas redes sociais. O conceito que vamos usar para entendermos as oportunidades de carreira percebidas pelo indivíduo é o de rede social e como essa rede pode contribuir para que o indivíduo forme sua concepção sobre a exequibilidade de uma oportunidade.

Vamos entender que as redes sociais podem aumentar ou diminuir o conjunto de oportunidades que os indivíduos podem encarar como possíveis ao longo da vida. Bott (1976) descreveu dois tipos de redes sociais: uma rede de malha frouxa e uma rede de malha estreita. A analogia que a autora fez foi em relação aos nós de uma rede (objeto) para esmiuçar esse conceito. Uma rede de malha frouxa é aquela em que os indivíduos estabelecem laços fora do seu núcleo contextual do bairro, cidade, etc. Esse tipo de rede permitiria ao indivíduo perceber caminhos diferentes daqueles percorridos por suas redes de socialização primária. Por outro lado, a rede de malha estreita restringe o indivíduo a estímulos circunscritos a um contexto com pouca variação de estímulos e mais preso às suas redes de socialização primária.

Um exemplo desse fenômeno podemos perceber em Velho (2003), quando o autor descreveu o processo de adaptação de imigrantes portugueses na sociedade americana. Velho (2003) demonstrou que os primeiros imigrantes estabeleceram uma rede de relações que pouco interagia com a comunidade legal, ficava limitada ao seu próprio grupo de imigrantes. A esse tipo de troca de experiências podemos chamar de rede de malha estreita. Nesse exemplo, Velho (2003) destacou que os primeiros imigrantes portugueses na sociedade americana tiveram muitas dificuldades para estabelecer metas que extrapolassem aquilo que já vinham vivendo dentro do seu núcleo social. Todavia, observou-se também uma forte criação de mecanismos de solidariedade entre eles que permitiam que uns cuidassem dos outros. Ao mesmo tempo, esse tipo de interação social também gerou resultados perversos: não foi incomum o número de relatos de homens incapacitados pela rotina de trabalho pesado e o número de mulheres com problemas psicológicos causados pela rotina tediosa.

A rede de malha estreita cria mecanismos de solidariedade para a própria sobrevivência do grupo. Porém, faz com que esse grupo fique limitado às experiências que já lhes são adjacentes. No mesmo exemplo, Velho (2003) indicou que as gerações mais novas desses imigrantes também tiveram dificuldades de adaptação, uma vez que tentavam assumir traços da identidade local e nem sempre eram aceitos nos novos grupos. Todavia, ao mesmo tempo que criavam cenas de rejeição da identidade da rede primária de socialização, eles estabeleceram relações que ampliaram suas oportunidades para formas de trabalho que não eram exercidas pelos primeiros imigrantes portugueses. A rede de malha frouxa ampliou o campo de possibilidades das gerações seguintes a dos primeiros imigrantes portugueses, ao mesmo passo em que os mecanismos de solidariedade percebidos no primeiro caso fossem perdendo espaço entre esses outros indivíduos.

Vamos entender que a criação e a atuação dentro das redes sociais podem permitir que os indivíduos criem relações fortes para permitir uma mudança no seu campo de possibilidades. Dessa forma, aceita-se o desafio da metrópole e coloca-se em curso projetos de carreira que sejam percebidos como exequíveis. As oportunidades de carreira são percebidas como possíveis de serem alcançadas e os indivíduos tomam decisões que, na sua concepção, fazem com que eles acreditem que essas sejam as melhores escolhas para consolidar tal projeto.

Mas quando tratamos de escolhas em um campo de possibilidades, podemos entender também que nem sempre o que se entende como escolha ótima para um indivíduo leva em consideração todos os dados objetivos para que ela seja tomada. Elster (1994, 2009) trabalhou o conceito de escolha racional como sendo algo inerente ao tipo individual. E essas escolhas são tomadas a partir da percepção que esses indivíduos têm sobre a realidade. Talvez seja possível dizer que essas escolhas são influenciadas pela paixão, desejo e crenças individuais sobre o conjunto de oportunidades ou campo de possibilidades que esses indivíduos têm em mente.

Nem sempre a escolha entendida como ótima pelo indivíduo vá gerar o resultado esperado. Rocha (2013) usou o exemplo da morte de um jardim de flores em uma festa no quintal de casa. O autor mencionou o fato dos convidados terem se orientado por um desejo altruísta de ajudar o anfitrião da festa a limpar o quintal de casa, pois um vendaval havia espalhado todos os utensílios da festa por todo canto. Mas a vontade de ajudar não incluiu no cálculo racional a possibilidade dos pés sobre o jardim acabarem com a flora cultivada com tanto afincos e, daí em diante, o que se observou foi a morte de um jardim de flores causada por um sem número de pés sobre elas.

A escolha racional deriva do cálculo entre um desejo e a exequibilidade de uma oportunidade. Como vimos, o indivíduo pode aceitar o desafio da metrópole de Simmel (1973) e adotar diferentes estratégias para ampliar o seu campo de possibilidades, permitir-se conhecer novas oportunidades de carreira. Projetar uma meta dentro dessa metrópole é colocar em curso um projeto de vida. Assim, as escolhas individuais são adotadas a partir da percepção sobre essa oportunidade e do modo como esse indivíduo vai agir diante dos estímulos da sociedade.

Os projetos individuais de carreira podem sofrer mudanças conforme o indivíduo passa a interagir com novas redes de sociabilidade e vai aceitando, assumindo signos de novos grupos na sociedade complexa moderno contemporânea. Dessa forma, vamos tratar os dados sobre a tentativa de profissionalização no esporte, a frustração e o rumo em uma nova carreira de um jovem atleta beneficiado pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal.

3.2 METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho é construída a partir de duas entrevistas. A primeira entrevista foi realizada em 07 de junho de 2013, no Estado de Minas Gerais. A entrevista ocorreu durante o processo que constituiu a segunda etapa de uma pesquisa maior, denominada Educação e esporte: a profissionalização de jovens atletas beneficiados do Programa Bolsa Atleta. As entrevistas buscaram obter maiores informações sobre os processos de escolarização e profissionalização de jovens atletas, além de ampliar o conhecimento sobre agências importantes que estão envolvidas no processo de socialização esportiva ou não, como a família, a escola e o clube. Assim, como a participação de membros que ocupam papel importante na estruturação das rotinas de formação.

As entrevistadas foram realizadas por pesquisadores do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC – UFRJ). As entrevistas foram realizadas outros atletas que também conseguiram ser contemplados pelo Programa Bolsa Atleta, a partir da utilização dos seus melhores resultados do ano anterior. Foram realizadas 16 entrevistas com atletas que compuseram a segunda etapa da pesquisa. Na primeira aplicamos 166 questionários.

O atleta Kaled⁴, personagem central desse estudo, no ano de 2013, recebia o auxílio do governo federal destinado a atletas, pelo resultado nos Jogos Escolares. O referido atleta havia se destacado no ano anterior, assim, naquele ano estava recebendo o auxílio. O atleta se enquadrava na categoria estudantil, que é destinado a atletas que ainda estão cursando etapas dos processos educacionais⁵. Na ocasião, para essa primeira entrevista foi seguido um questionário com eixos temáticos. Foi utilizado formulário de entrevista⁶ semiestruturada que pontuavam os seguintes eixos temáticos: I) Dados gerais; II) Relação com o esporte; III) Apoio no esporte: familiar, técnicos, professores ou conhecidos; VI) Família; V) Esporte e escola.

Entrei em contato com Kaled para realizar uma entrevista em relação ao projeto do atleta. Ele relatou Na primeira entrevista ele foi um dos poucos atletas que falou do sonho de disputar grandes competições e ser atleta profissional, como ele mesmo disse na primeira entrevista “viver do esporte”. Pelo fato da família demonstrar apoio e incentiva-lo ouvir a família também seria interessante. Para minha surpresa o atleta

⁴ Nome fictício.

⁵ Ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

⁶ Os formulários se encontram nos anexos desse trabalho.

havia abandonado o esporte. Então, decidi mudar o foco desse trabalho e tentar entender os motivos que levaram o atleta a abandonar a formação esportiva.

A segunda entrevista foi realizada por contato telefônico em 05 de outubro de 2016, o atleta já havia abandonado o esporte e retornado a sua cidade Natal, em Maceió. Dessa forma, a entrevista foi norteada por questões relacionadas ao passado do jovem enquanto exercia a função de atleta em um grande clube esportivo e buscou-se obter maiores detalhes em relação a sua saída do campo esportivo e sua nova rotina.

3.3 O ATLETA

Nascido em Maceió, no Estado de Alagoas. Kaled iniciou sua atividade no judô com 8 anos de idade. Passou por clubes do Estado, e começou a se destacar na modalidade chamando atenção de clubes de outros estados como São Paulo e Minas Gerais. Na primeira vez que o entrevistamos, Kaled estava lesionado, porém, em fase final de recuperação.

A família do atleta é formada pelo pai e mãe. O pai havia sido atleta de judô, e por isso, incentivou o filho na prática marcial. Além de ter sido atleta de polo aquático. O pai concluiu o ensino médio. A mãe, possui nível superior completo e diferente do pai, não possui nenhuma experiência na prática esportiva. Kaled sempre teve na família todo o apoio que precisa como relatou em sua primeira entrevista em 07 de junho de 2013.

Minha família sempre me apoiou em tudo que eu almejei, assim, tudo que eu quis por acreditar que fazia bem, ou seja, tudo que fazia bem para mim eles acreditavam. Me davam muito apoio. Meu pai então nem se conta. O meu pai fez de tudo para mim e ainda faz. Meu pai é tipo um ídolo que eu tenho. Então quando eu falei para ele que era o que eu queria, ele sempre olhou para mim, assim, para as coisas que eu falava para ele com muita seriedade e eu acho que quando ele me olhava assim, nos olhos, ele via que realmente eu estava falando sério. Então ele falou, se é isso que você quer para você meu filho, então vamos correr atrás. E ele sempre bancou esse meu sonho, assim, precisava de dinheiro, não tinha como pagar, ele dava um jeito, vendia alguma coisa, vendia até carro para me ajudar, fazia de tudo, fazia cota na

família, meu avô, todo mundo ajudava. Então foi sempre bem, assim, tive muito esse apoio mesmo da minha família (Kaled, 07 de junho de 2013).

Na mesma entrevista o atleta comentou que sua mãe apesar de apoiá-lo sempre foi a mais temerosa, tanto pelas seguidas viagens, como pelo filho ir residir em outro Estado devido a sua participação no esporte. Na segunda entrevista realizada em 05 de outubro de 2016, quando já havia retornado para Alagoas. Kaled informou que um dos motivos da desistência foi a preocupação da mãe, em relação as suas lesões sequenciais. Com o abandono no esporte, Kaled iniciou os estudos em um Centro Universitário em Maceió, no curso de Educação Física.

3.4 O SUCESSO NO ESPORTE E OS DESAFIOS EDUCACIONAIS

A partir do momento que um jovem se destaca em uma modalidade esportiva, inevitavelmente elogios surgem e planos são idealizados por àqueles que estão ao redor. O campo esportivo é assim, ao longo do processo de formação, os desafios surgem e nem sempre a continuidade ocorre. Muitos jovens atletas abandonam antes mesmo dos primeiros resultados aparecerem devido as dificuldades.

As dificuldades são enormes para os atletas de base. Nesse cenário, é possível observar a falta de infraestrutura, a dificuldade de conciliação entre a prática esportiva e a escola, a falta de investimento financeiro entre outras. A questão financeira é provavelmente a maior dificuldade para manter o jovem atleta no campo esportivo.

Mas, na verdade a maioria das modalidades esportivas não permite desde cedo alcançar um valor financeiro que possibilite se manter no esporte sem auxílio de familiares ou terceiros. A família tem papel fundamental no processo de formação do jovem atleta, por ser ela responsável por custear na maioria das vezes materiais, viagens, transporte e alimentação requisitos essenciais para manutenção de um jovem esportista. O atleta kaled comenta sobre a participação da sua família na construção de sua carreira. Não apenas a família mononuclear (pai e mãe), mas, como há um movimento de todos os parentes no processo de profissionalização do jovem. Ele acredita que o fato desse movimento ocorrer se deve ao fato dele ser o primeiro atleta da família.

“Minhas avós, minhas tias, meu avô também, meus padrinhos, todo mundo sempre acreditou muito em mim. Assim, acho que por ser o primeiro atleta de

verdade da família. [...] Então eles sempre apoiaram muito o meu trabalho, como eu falei, todo mundo da família ajudava às vezes não só financeiramente, mas muito psicologicamente e emocionalmente também”.

Sobre o apoio das famílias aos jovens atletas, Kay (2000) em seu estudo encontrou movimento parecido das famílias inglesas, no mesmo sentido que ocorre na família do Kaled. As famílias brasileiras apoiam a participação dos atletas no esporte, estando ao lado dos jovens atletas nos momentos em que esses precisam de auxílio, em especial, nos deslocamentos do aluno atleta para a escola e para os períodos de treinamento. São os familiares que dão suporte para que essas ações ocorram.

Com o apoio da família o atleta ainda morando em Maceió, foi participar do campeonato chamado Copa Minas de Judô, segundo o atleta “é um campeonato muito forte”, participou e venceu o campeonato. Isso foi o chamariz para que o atleta fosse convidado pelo Minas Tênis Clube, porém, por ser um convite que não abrangia fatores que possibilitaria o atleta se manter na capital mineira, a família se posicionou contra a ida do atleta.

Nesse sentido, a família do atleta auxiliou em todos os sentidos, com esse suporte e pela sua capacidade, o atleta alcançou bons resultados, podendo pleitear uma bolsa de apoio ao atleta oferecida pelo governo federal, via Programa Bolsa Atleta. Para Costa e Silva (2016) “esse programa pode ser encarado como um programa de manutenção/transferência de renda para atletas que ainda não possuem nenhum ganho pecuniário dos clubes ou outras formas de financiamento” (p. 177).

Após conquistar competições importantes, inclusive campeonatos na Europa, fazendo com que os olheiros⁷ novamente observassem seu talento no tatame e fizessem mais uma vez o convite para compor sua equipe. Kaled havia sido anos antes convidado pelo próprio Minas Tênis Clube para deixar Alagoas, contudo, o clube na ocasião não oferecia alojamento e escola, assim, o atleta teria que custear todas as despesas envolvidas na mudança. Sua família não permitiu que saísse do pequeno clube de sua cidade para outro Estado. As propostas para uma transferência do atleta foram intensificadas, até que o atleta se mudou para Bauru, cidade no interior de São Paulo, onde permaneceu pelo período de um ano. Após esse período, se transferiu para o Minas Tênis Clube, famoso clube do Estado de Minas Gerais. O clube oferecia

⁷ Pessoas que tem vínculo com os clubes, que circulam por competições com o intuito de localizar novos talentos esportivos. Os clubes que realizaram propostas segundo o atleta foram o SESI- SP e Praia Clube de Uberlândia.

moradia no alojamento, alimentação e escola particular. Com essas condições oferecidas pelo clube, o atleta migrou para Minas Gerais com o aval da família.

No novo clube houve mudanças na rotina e na estrutura de treinamento, segundo o atleta a rotina ficou mais pesada, tanto esportiva quanto educacional. Sobre a perspectiva do treinamento, levando em consideração que a posição que o atleta se encontrava, isso se tornou positivo, pois, o clube que o atleta defende é reconhecidamente um dos poucos espaços que o esporte, sem ser o futebol, é consideravelmente forte e recebe apoio. Da Conceição e Bassani (2016) apontam que nesses espaços “o conhecimento adquire um caráter institucionalizado, isto é, legitimado e passa a ser reconhecido como local de excelência para a prática e formação” (p. 31).

“Meu treino geralmente é de duas horas até três e meia. Depois eu tenho parte física que é muito importante, né? Treino funcional geralmente de uma hora, dura uma hora e a noite tem dia que a gente tem treino técnico também, assim, treina mais a parte técnica mesmo, questão tática, porque é muito importante você saber aliar tudo, né? Tática, força, técnica. Final de semana a gente treina também as vezes”.

O fato de estar vinculado a um clube de significativa dimensão e tradição faz com que o atleta seja reconhecidamente diferente de muitos outros e amplie suas possibilidades de evolução das valências técnicas e táticas podendo contar com infraestrutura e bons técnicos.

Rocha et al. (2011) constata que os atletas despendem semelhante tempo para a formação escolar e a formação esportiva. Isto é, a carga horária escolar e a carga horária de treinamentos ou competições, a primeira voltada para formação geral ou inserção do jovem na profissionalização para o mercado de trabalho formal e a segunda direcionada para a profissionalização no mercado de trabalho esportivo, se equiparam. Tal equiparação torna mais um desafio para o atleta. O período escolar é fundamental e legitimado por leis nos mais variados âmbitos, a carga horária de 800 horas que o estudante deve cumprir anualmente, recebe o confronto direto no caso de esportistas, dessa forma, essa é mais uma dificuldade provocado pela escolha da conciliação de atividades.

Da Conceição e Bassani (2016) identificam que “com o objetivo de dar continuidade na escolarização dos atletas, os clubes tendem a realizar parcerias com escolas

regulares para que a matrícula de seus jovens seja garantida” (p.25). Os atletas alojados, geralmente são de outros Estados ou de lugares muito afastados do centro, local da cidade que normalmente ficam nos clubes. Pelo fator da distância a permanência longe da família é constante, assim, os atletas acabam ficando sob os cuidados e responsabilidade dos clubes. A legislação que rege a formação de atletas, faz com que os clubes assumam a tutoria/responsabilidade dos jovens alojados e devem, assim, proporcionar a continuidade do processo de escolarização e os demais cuidados necessários.

Com o atleta Kaled ocorreu esse movimento. Então, o atleta passou a ficar sob os cuidados do clube e começou a morar no alojamento do clube e isso fez com que sua rotina sofresse mudanças, uma delas a mudança de escola.

O atleta estudava em uma escola particular que realizou uma parceria com o Clube Minas. Assim, segundo o próprio atleta o acordo se estrutura da seguinte forma, os atletas do clube oriundos de outros estados eram matriculados na escola e lá realizavam os estudos. Em contrapartida, os alunos da escola que não eram atletas, tinham desconto nas mensalidades para realizar atividades esportivas no clube, professores e filhos de professores independente se estudassem na escola também tinham desconto na mensalidade, assim como, outros membros dos recursos humanos da escola.

Identifico que tal movimento é uma estratégia do clube para manter os atletas albergados em situação de segurança. Entrevistei o atleta na porta do clube, ele estava acompanhado de um amigo e companheiro de treinamento que também era oriundo de outro Estado e residia no alojamento, eram companheiros de quarto. Do local que estávamos, era possível visualizar o prédio onde funciona o alojamento dos atletas e no outro quarteirão estava localizada a escola que os atletas estudam.

Assim, com essa logística o clube não apenas garantia em tese a segurança dos atletas, em relação a possíveis deslocamentos para áreas distantes, mas também, essa proximidade garantia um controle maior sobre os atletas, já que a proximidade entre clube-escola-alojamento girava em torno de cem metros de distância, dessa forma, não haveria desculpas para atrasos aos treinamentos e qualquer “escapada” seria mais fácil de ser impedida.

A proximidade da escola também permitia um controle do clube em relação a rotina escolar do atleta. Segundo Kaled era comum uma assistente social ou uma pedagoga do clube irem até a escola para ser informar como os alunos que ali estavam na condição de aluno/atleta do clube se encontravam em relação a comportamento, se estavam indo as aulas. Como escrevi o alojamento é próximo da escola, sempre havia um funcionário do clube na entrada do alojamento e do clube, com a intenção de vigiar os atletas.

O espaço escolar representa para os atletas uma continuidade de suas responsabilidades dentro da formação esportiva, isto é, não é parte integrante do processo formativo no esporte, mas se torna um dos requisitos para continuarem o processo de profissionalização, ainda mais, para o atleta albergado. Um dos acordos estabelecidos por contrato entre o clube e família é que o atleta alcance bons resultados nas disciplinas.

Kaled apresenta em sua fala, um ponto que para ele diferencia o aluno atleta do aluno não atleta. A questão da disponibilidade, em virtude das atividades que envolvem a prática esportiva, treinamentos, no caso do atleta longas viagens. Como a que o atleta realizou para a Europa, passando um mês fora. Kaled visualiza que este é um problema encarado pelo atleta.

Você pegar um cara que tem disponibilidade para fazer tudo que a escola passa é uma coisa pô, isso é fácil, beleza mas porque você não pega um cara que quer ser alguma coisa na vida realmente, que é o que o atleta quer e tenta ajudar ele, você está formando um cidadão do mesmo jeito ou talvez até um cidadão melhor do que aquele que tá só estudando e tá pilhadão.

A questão apresentada pelo atleta faz com que possa ser discutido como ocorre a conciliação entre a formação esportiva e escolar no Brasil e em outros países. No Brasil não há nenhuma forma de diálogo entre escola e clube, e isso faz com que não haja nenhum acordo legal entre as partes. O que ocorre na maioria das vezes são acordos verbais ou acordos como o realizado entre o clube e a escola do atleta. Mas, não é identificado um currículo flexibilizado em relação a vivência e interesse do atleta, que tem que cumprir da mesma forma todos os processos e avaliações que o aluno não atleta. De qualquer forma a formação escolar sempre é desprestigiada para o atleta já que esse não vê nos bancos escolares o aprendizado que ele utilizará na prática, por isso, uma harmonização do currículo poderia ser uma saída para o problema identificado.

Nos Estados Unidos a formação esportiva, tem início nas escolas e tem continuidade nos centros universitários. As escolas do ensino médio são responsáveis pela iniciação esportiva e os centros universitários são responsáveis em dar seguimento ao processo de aperfeiçoamento a partir do interesse do aluno (COSTA E SILVA, 2016). O histórico esportivo do aluno é utilizado para que o atleta possa concorrer ao acesso a boas universidades. Há associações que acompanham o esporte nos diferentes níveis de ensino⁸.

Toda essa diferença em relação ao Brasil faz com que o atleta independente do seu potencial tenha que se dividir entre as duas rotinas. Inevitavelmente, isso gera desgastes para a conciliação. Damo (2005) aponta que “a formação à brasileira, quando comparada a modelos de formação esportiva de outros países, possui a liberdade para formar sem priorizar a conciliação com a agenda escolar” (p. 219). Essa liberdade nem sempre é um fator positivo para o atleta.

3.5 O ABANDONO E A RECONSTRUÇÃO DO PROJETO

Na segunda entrevista busquei descobrir os motivos do abandono do atleta do seu projeto individual e acabei descobrindo que o projeto individual de construção esportiva, foi substituído por outro, só que dessa vez seria um projeto que teria a família como uma referência próxima, para auxiliar no fosse necessário. Esse novo projeto se tornaria mais palpável pelo fato do investimento ser referente ao investimento atrelado ao capital associado aos bancos escolares. Kaled informou que o desânimo com o esporte teve início quando as lesões começaram a ser frequentes, a mesma lesão no tornozelo sempre gerava incomodo e quando uma nova lesão no ombro surgiu, ele informou que foi o momento que pensou pela primeira vez em parar. Os riscos de contusões limitadoras a que esses jovens atletas estão expostos durante sua formação esportiva (HICKEY; KELLY, 2008), a possibilidade de lesão no judô é alta, pelo fato da repetição de movimentos de alavancas. A lesão sempre foi um fator que pode gerar desistência precocemente.

Barsottini, Guimarães, Morais (2006) apontam que o judô é a modalidade que mais apresenta índices de lesão em seus praticantes quando praticado na perspectiva do

⁸ No nível de escola básica, o esporte é acompanhado pela National Federation of State High School Associations (NFHS), e o esporte universitário é acompanhado pela National Collegiate Athletic Association (NCAA).

alto rendimento (p, 56). O dano apontado pelo atleta como sendo o causador pelo seu desânimo e respectivamente pela desistência do campo esportivo, é identificada no trabalho dos autores como a segunda lesão com maior incidência no universo de praticantes do judô. Já o constante desconforto que o atleta narra no tornozelo aparece como sendo a terceira lesão que foi constatada na pesquisa.

A distância da família também foi um fator comentado pelo atleta. No momento da primeira entrevista o atleta tinha 18 anos e já havia passado por experiência de ficar distante da família. Foi assim desde que foi morar em Bauru – SP para ter melhores condições de treinamento e estar próximo do que denominou como o centro do judô⁹, que é a região sudeste. Marques e Samulski (2009) pesquisaram jovens jogadores de futebol que assim encontraram o mesmo movimento que aconteceu com Kaled, por se destacarem os jogadores de futebol nessa fase deixam de morar com os pais, em geral, a partir dos 13 anos de idade, e a maioria destes jovens não tem contato diário com seus familiares. Dessa forma a moratória social deixa de ser um ponto que contribui para o controle e incentivo por parte da família em relação aos filhos.

Quando um atleta atinge um determinado padrão de técnica e, é integrado a categoria de base de um clube com estrutura distante de sua moradia. Isso pode acarretar um distanciamento de todos àqueles que participavam da sua rotina. A família, os vizinhos e os amigos fazem parte desse grupo que ficará distante. A separação é resultado de um projeto que está dando certo. É o resultado de um projeto que visa a profissionalização, ou seja, viver do e para o esporte que pratica (DA CONCEIÇÃO E BASSANI, 2016).

Dessa forma, o atleta desde cedo teve que cuidar-se sozinho e de maneira natural, identificou atletas que partilham o mesmo desejo e sonho do que ele, essa identificação proporciona novos sentimentos de fato por pessoas que até àquele momento eram desconhecidas. Da Conceição e Bassani (2016) uma característica em atletas que vivem no alojamento se diferentemente dos demais atletas, “os atletas alojados se inserem no sistema de albergamento e as relações são construídas com os profissionais dos clubes e com outros atletas, que passam a compor uma “nova

⁹ O atleta considera como grande centro, a região sudeste, segundo ele, é nessa região do país que estão os maiores investimentos no esporte nacional, assim, a prática do judô nos estados que compõem essa região teriam maior aporte técnico e financeiro.

família” (p.24). Além de se tornarem mais independentes pela situação de viverem longe daqueles que iriam prestar ajuda no que fosse preciso.

“Cara, a saudade era grande. Tinha momentos que nem ligação adiantava. Dava vontade de abandonar tudo, o clube permitia você ir visitar, mas, tipo, se eu fosse sabia que não ia voltar. Tinha saudade das festas, de conversar com meu pai pessoalmente, sabe? Olhar nos olhos do meu pai, da minha mãe. Conversar com meus amigos de infância, tocar meu violão com eles, deitar na minha cama”.

E o atleta hoje também relembra com saudade dos momentos e amigos que fez, das experiências, das viagens que marcaram um período da juventude.

“ [...] eu sinto saudade das pessoas que conheci, fiz muitos amigos, irmãos mesmo. Partilhamos momentos bons e ruins, não só relacionado ao esporte, mas em tudo. Lembro das competições, lembro de quando um colega de equipe perdeu o pai. Me coloquei no lugar dele. Você cresce, você aprende, você era, aprende a viver e ser bom”.

Foi nesse cenário que se desenhou a saída do atleta do esporte. Um misto de saudade da família e dúvidas em relação as constantes lesões. As situações foram se somando, o atleta vivencia essa situação de ficar longe da família e ter uma rotina dedicada ao esporte, se privando de muitas situações desde os 15 anos. Kaled reconheceu com 20 anos que seu seguimento no campo esportivo seria dificultado em razão das lesões.

“Cara, foi um momento difícil, você pensa em tudo que você passou. Mas, quando a lesão do ombro surgiu, eu fiquei realmente preocupado, é uma parte do corpo que o judoca utiliza o tempo todo. Então, o médico disse que teria que operar, como já estava cansado, decidi parar. Foi bem difícil, quando sai da sala, do consultório, já sai pensando no que fazer. Decidi voltar para casa dos meus pais e falar com eles. Eles como sempre me deram apoio. Fiquei chateado, eles investiram em mim, mas, não deu certo”.

A partir daquele momento Kaled não seria mais atleta e o que fazer agora? Kaled decidiu fazer ensino superior, fez o vestibular e passou no curso de educação física, está cursando o sexto período destinado a formar licenciados. Pelo fato de abandonar o esporte ainda jovem, o atleta teve a oportunidade de aproveitar o conhecimento adquirido nas instituições particulares que estudou, graças ao esporte, conseguiu reinvestir na conquista de uma vaga no ensino superior.

Dessa forma, pode ser identificado que ocorreu uma mudança de projeto individual na vida do ex-atleta. Kaled buscava profissionalização no esporte, mas pelas circunstâncias esse desejo não vingou. Agora busca por meio do acesso ao ensino superior dar segmento aos seus planos. Houve uma mudança no plano, kaled apenas antecipou um projeto que já havia partilhado na primeira entrevista, concluir o ensino superior. Sobre as mudanças e escolhas, Gilberto Velho (2012) diz que “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente” (p. 29).

3.6 CONCLUSÃO

O texto acima se trata de um atleta que é reconhecidamente talentoso. Seus resultados desde cedo chamaram a atenção de diversos clubes. Por isso, os convites para que ele representasse esses clubes cada vez se tornaram mais constantes. Fazendo com que cada proposta recebida, fosse estudada pela família do atleta. A partir da conquista do primeiro lugar em um torneio de um grande clube de Minas Gerais, o mesmo fez uma proposta, e então, a família permitiu a saída de Alagoas para o clube mineiro. O estudo e a problematização das propostas deve ser algo constante no meio esportivo, já que clubes estão à procura de novos talentos cotidianamente. A família por ser responsável pelo jovem é quem decide sobre as melhores chances de sucesso. A família do atleta sempre recebeu propostas e aceitou apenas duas, coincidentemente, as duas propostas aceitas eram de clubes fora do estado.

A família a partir do momento que se distânciava do atleta pela sua mudança de estado perde o controle sob a situação de ter um jovem candidato a profissionalização esportiva em seu lar, perde um filho que sai de casa bem antes do que o normal. Assim, a família não tem como se responsabilizar pelos investimentos que até então foram realizados sobre o atleta, além de não ter mais como orientar e incentivar de perto. Ao aceitar o convite o atleta abandona o lar e passa a ser uma parte ou propriedade do clube.

O clube assume a responsabilidade de conduzir o atleta na construção da dupla carreira. O clube prepara o atleta para sua jornada esportiva, além de fazer com que

o atleta cumpra os compromissos escolares. Cabe ao clube criar mecanismos para que isso ocorra, fazendo com que o atleta não saia prejudicado.

Em relação aos compromissos escolares, no caso apresentado, o clube fez um contrato com uma escola particular. A escola oferece aos alunos atletas todas as condições para que os conteúdos das disciplinas referem a cada ano escolar sejam oferecidos e caso ocorra a necessidade de o atleta viajar, a escola oferece a possibilidade da realização de aulas de reforço e chances de refazer provas que foram perdidas em virtude das viagens, assim, como a entrega de trabalhos.

O fato de existir todo um aparato sobre o atleta faz com que seja percebido o seu valor e reconhecimento. Apesar de todo investimento da família e clube a carreira esportiva pode não acontecer por diversos motivos, no caso apresentado um jovem abando seu sonho devido as lesões. É interessante refletir se as lesões ocorressem o projeto relacionado a profissionalização esportiva provavelmente permaneceria e um novo projeto não seria construído.

CONCLUSÃO FINAL

A questão central foi entender como as famílias dos atletas lidam com as rotinas de treinamento, competições e estudos em relação a participação no esporte. Para tal foi utilizado os conceitos de projeto familiar e projeto individual para auxiliar nessa tarefa. A família é ponto central para a maioria dos atletas já que durante o processo de formação esportiva e escolar o aluno-atleta vive em moratória social, por isso, entendo que é fundamental entender os mecanismos que se estruturam ao longo dos variados processos de formação esportiva.

A partir das entrevistas que foram transcritas pode ser constatado que a afirmação de que as famílias acreditam e apoiam a tarefa de inserção no campo esportivo não é totalmente verdadeira. Pode-se observar esse movimento talvez de forma mais intensa em outras modalidades que o LABEC se debruçou, provavelmente, o futebol apresente esse olhar por parte das famílias, já que é a modalidade esportiva que mais provoca o interesse por tudo que proporciona aos melhores sucedidos, mas, nesse estudo foi ser observado a partir das falas dos atletas sobre suas famílias que o esporte desenvolve um sentido de preocupação em maior parte delas. Há uma preocupação com outros fatores que não apenas o esporte, assim, a formação esportiva para os atletas entrevistados não ocorre de forma intensa, por exemplo, foram entrevistados dois atletas que haviam abandonado a carreira esportiva com o intuito de se dedicarem aos preparativos para tentarem as provas seleção em universidades.

No primeiro capítulo se utiliza as falas dos atletas. As falas apontam contribuições para que se entenda mais sobre esse universo. Selecionamos atletas que compõem o corpo de atletas selecionados por um programa federal de auxílio a atletas, denominado Bolsa Atleta. As falas marcam pontos em comum e pontos incomuns, não poderia ser diferente já que as famílias são oriundas de diversos níveis socioeconômicos. Assim, as modalidades e aspectos socioeconômicos podem influenciam como os atletas realizam suas leituras.

No segundo capítulo a partir de um caso é apresentado de forma mais profunda os conceitos de projeto familiar e individual. O referido caso é utilizado para exemplificar um modelo, de sucesso e conseqüente abandono, e diferente de outros projetos, a construção do projeto destinado ao cumprimento do ensino superior está dando certo.

Tanto no primeiro como no segundo há a preocupação com a escola. A escola é para as famílias uma forma de garantir a possibilidade dos jovens estarem dentro de um espaço diferente, um espaço que permita a disputa de empregos fora do campo esportivo. É necessário o investimento de forma igualitária para que os membros da família se sintam confortáveis. Caso, a agência esportiva ocupe mais tempo e dedicação do que a agência escolar, haverá a necessidade de um maior foco nas questões educacionais.

A elaboração de um projeto visa contribuir e proporcionar ao indivíduo a possibilidade de sucesso, ao mesmo tempo, busca eliminar possíveis aspectos que tangenciem para o insucesso, encontramos no caso apresentado no capítulo dois, um exemplo, de insucesso esportivo devido as lesões constantes, um novo projeto individual foi construído a partir do momento em que o ex-atleta informa sua decisão de abandonar o esporte e retornar a sua cidade.

Identificamos no cenário de construção esportiva aqueles indivíduos que apoiam mesmo não sendo membros da família, nas falas os treinadores aparecem como sendo fundamentais não apenas nas rotinas de treinamento, mas também, no incentivo de permanência dos atletas. Todos os atletas relataram que souberam da possibilidade de ter acesso a uma bolsa de incentivo esportivo pelos treinadores. Isso só confirma a importância dessas pessoas para os atletas e apresenta uma vulnerabilidade do cenário esportivo de base.

REFERÊNCIAS

AGERGAARD, S.; SØRENSEN, J. K. The dream of social mobility: ethnic minority players in Danish football clubs. *Soccer and Society*, v. 10, n. 6, p. 766-780, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14660970903239966>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BALASSIANO, M.; SEABRA, A. A. de; LEMOS, A. H.. Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano?. *RAC*, v. 9, nº 4, p. 31-32, Out/Dez. 2005.

BARSOTTINI, D; GUIMARÃES, A. E.; MORAIS, P. R. Relação entre técnicas e lesões em praticantes de judô. *Rev. Bras. Med. Esporte*, v. 12, n. 1, p. 56-60, 2006.

BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*/Howard S. Becker; tradução de Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica de Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGGREFE, C; CACHAY, K. "Dual Careers": The Structural Coupling of Elite Sport and School. *European Journal for Sport and Society*. 9 (1+2): p.57-80, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/16138171.2012.11687889>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

BOURKE, A. The dream of being a professional soccer player: insights on career development options of young irish player. *Journal of Sport and Social Issues*. v. 27, n. 4, p. 399-419, nov. 2003. Disponível em: <<http://jss.sagepub.com/content/27/4/399.abstract>> Aceso em: 17 nov. 2016.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-norma-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2012.

_____. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 04 ago. 2011.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 04 ago. 2011.

CHRISTENSEN, M.; SØRENSEN, J. K. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. *European Physical Education Review*, v. 15, n. 1, p. 115-137, nov. 2009. Disponível em: <http://pure.au.dk/portal/files/53215763/Christensen_S_rensen_2009_EPER.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

CORREIA, C. A. J. Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/dcarlusaugustus.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

COSTA E SILVA, A. L. da. Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2016.

COSTA, F. R. da. A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C.. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, Apr. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Apr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

ELIAS, N. DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992

ELSTER, J. Peças e engrenagens das ciências sociais/Jon Elster; tradução de Antônio Trânsito; revisão técnica de Plínio A. S. Dentzien. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. Ulisses Liberto: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições/Jon Elster; tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão/Michel Foucault; tradução de Raquel Ramallete. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

HENRY, I. Elite Athletes and Higher Education: Lifestyle, Balance and the Management of Sporting and Educational Performance. Bruxelles: International Olympic Committee, University Relation Olympic Studies Centre. 2010.

HICKEY, C.; KELLY, P.. Preparing to not be a footballer: higher education and professional sport. *Sport, Education and Society*, v. 13, n. 4, p. 477-494, nov. 2008.

KAY, T. Sporting excellence: a Family affair?. *European Physical Education Review*, v. 6, n. 2, p. 151-169, 2000.

MACHADO, R. Introdução. IN: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MCGILLIVRAY, D.; MCINTOSH, A. 'Football is my life': theorizing social practice in the Scottish professional football field. *Sport in Society*, v. 9, n. 3, p. 371-387, jul. 2006.

MELO, L. B. S. Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

METSÄ-TOKILA, T. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. *European Physical Education Review*, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249709895_Combining_Competitive_Sports_and_Education_How_Top-Level_Sport_Became_Part_of_the_School_System_in_the_Soviet_Union_Sweden_and_Finland>. Acesso em: 17 nov. 2016.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S.. A participação dos pais na carreira das atletas femininas e ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, vol. 28, nº 1, p. 125-134, Mar. 2014.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAUJO, C. M.. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, Mar. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Apr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>.

PARKER, A. Training for 'Glory', Schooling for 'Failure'? : English professional football, traineeship and educational provision. *Journal of Education and work*, v. 13, n. 1, p. 61-76, 2000.

RENS, F.E.V. ELLING, A. REIJGERSBERG, N. Topsport Talent Schools in the Netherlands: A retrospective analysis of the effect on performance in Sport and education. *International Review for the Sociology of Sport*. 0(0) 1–19. December, 2012.

ROCHA, H. P. A. A escola dos jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://labec-ufRJ.com/dissertacoes/disserhugopaula.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

ROMÃO, M. G.; COSTA, F. R.; SOARES, A. J. G. Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro. In: XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, 2011, Vitória. XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física - Educação Física nas políticas públicas: trabalho e gestão integrada, 2011.

SACK, A. L.; THIEL, R. College football and social mobility: a case study of Notre Dame football players. *Sociology of Education*, v. 52, n. 1, p. 60-66, jan. 1979.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. de S.. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, São Paulo, v. 3, nº 4, janeiro/junho 2010.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. IN: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 11-25.

SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S.. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. *Revista paulista de Educação Física*, v. 3, n. 1, p. 34-45, 1999.

SOARES, A. J. G.; CORREIA, C. A. J.; MELO, L. B. S. de. *Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos*. 1. ed. Rio de Janeiro : 7 letras, 2016.

SOUZA, C. A. M. de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horiz. Antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2010.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. A utopia urbana: um estudo de antropologia social. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VIANNA, H. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na metrópole de Simmel. IN: VELHO, G. (Org.). Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 109-120.

WHYTE, W. F. Sociedade de esquina/William Foote Whyte; tradução de Maria Lúcia de Oliveira; revisão técnica de Karina Kuschnir; apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

YOUNG, M.. Para que servem as escolas?. Educ. Soc., Campinas , v. 28, n. 101, p. 1287-1302, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000400002&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Apr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000400002>.

ANEXO

ANEXO A – Questionário semiestruturado

Data de Nasc: _____ Clube: _____

Sexo: _____

Categoria: _____ Modalidade: _____

Bairro onde mora: _____ CEP: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

1 – Você mora:

1 () Na casa de seus pais ou parentes 2 () Em quarto alugado, pensão ou hotel

3 () No alojamento do clube 4 () Outro: _____

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a federação? (federado)

3 – Onde você nasceu?

Estado: _____ Cidade: _____ Bairro: _____

4- Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?

1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo

4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

5 – Você estuda atualmente?

1 () Sim 2 () Não Obs: _____

6 – Nos mês de março, deixou de comparecer pelo menos 1 dia a escola?

1 () Sim 2 () Não

7 – Quantos dias deixou de comparecer a escola no mês de março?

8 – Em que série você está ou completou?

Primário (1ª à 5ª ano)	1 () 1ª série/2º ano	2 () 2ª série/3º ano
	3 () 3ª série/4º ano	4 () 4ª série/5º ano
Ginásio (6ª à 9ª ano)	5 () 5ª série/6º ano	6 () 6ª série/7º ano
	7 () 7ª série/8º ano	8 () 8ª série/9º ano
2º Grau (1ª à 3ª ano do ensino médio)	9 () 1º ano 10 () 2º ano 11 () 3º ano 12 () Completo	
Faculdade (Superior)	13 () Completo 14 () Incompleto	

9 – Quando você terminar o ensino médio, você pretende:

- 1 () Somente continuar estudando 2 () Somente trabalhar/esporte
 3 () Continuar estudando e trabalhar/esporte 4 () Ainda não sei

10 - Em que turno você estuda?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ()	2 ()	3 ()	4 ()

11 - Em qual modalidade estuda?

- 1 () Regular 2 () Supletivo/EJA/PEJA 3 () Outros

12 - Sua escola passa dever de casa?

- 1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

13 - Você faz o dever de casa?

- 1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

14 – Você faz o dever de casa\ estuda fora da escola?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

15 – Quantas horas por semana você gasta para estudar as matérias ou disciplinas da escola?

16 – Você viaja para competir?

1 () Sim 2 () Não

17 – Quantas vezes você viaja para competir por ano?

18 – Quando você falta aula para treinar, competir, ou qualquer outra atividade vinculada ao esporte, à escola ou os professores:

- Abonam faltas: 1 () Sim 2 () Não

- Remarcam provas: 1 () Sim 2 () Não

- Dão aulas extras: 1 () Sim 2 () Não

19 – Tomando por base sua escola comparando com outras que você conhece dê uma nota de 0 a 10 para:

Organização da escola ____

Limpeza ____

Ensino ____

Espaço físico ____

Dê uma nota global ____

20 – Como você avalia o ensino da sua escola?

1 () Muito puxado 2 () Puxado 3 () Normal 4 () Pouco puxado 5 () Fraco

21 – Você **deseja** estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	1 ()
Até o Ensino Médio	2 ()
Até a Faculdade (Superior)	3 ()
Até a Pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

22 – Você **acha** que vai conseguir estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	1 ()
Até o Ensino Médio	2 ()
Até a Faculdade (Superior)	3 ()
Até a Pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

23 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída da escola e dos treinos:

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DA ESCOLA							
HORÁRIO DO TREINO/JOGO							

24 – Você chega atrasado ou sai antes do término das aulas por causa dos treinamentos?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

25 - Em que TIPO de escola estuda?

1 () Federal 2 () Estadual 3 () Municipal 4 () Particular 5 () Outros

26 – Desde a quinta série, em que tipo de escola você estudou?

1 () Somente em escola pública 2 () Somente em escola particular 3 () Em escola pública e particular

27 – Em algum momento você precisou trocar de escola?

1 () Sim 2 () Não

28 – Qual motivo da troca?

29 - Seu clube oferece escola?

1 () Sim 2 () Não

30 - Em caso de positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?

1 () Sim 2 () Não

31 – Em caso negativo na questão anterior, por que não estuda na escola oferecida pelo clube?

32 - Nome da escola e bairro?

Escola _____

Bairro _____

Cidade _____

33 – Você já repetiu algum ano na escola?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ___ vezes

34 – Você já abandonou a escola durante o período de aulas e ficou fora da escola o resto do ano?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ___ vezes

35 - Caso positivo, em função de que?

1 () Trabalho 2 () Esporte 3 () Outros

36 - Como você vai para a escola?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () a pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô

9 () outro _____

37 – Como você vai para o treino?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () a pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô

9 () outro _____

38 – Você faz algum curso fora da escola?

1 () Curso de idiomas 2 () Teatro/ cinema / música 3 () Curso de informática

4 () Outro Qual? _____ 5 () Não faço nenhum curso

39 – Quantas horas você gasta com esses cursos por semana?

40 - Quanto tempo você gasta nos deslocamentos em dias de treinamento?

Local de origem	Local de destino	Tempo gasto
Casa		

41 – Até que série sua mãe estudou?

1ª à 4ª série	1() Incompleto	2 () Completo
5ª à 8ª série	3() Incompleto	4 () Completo
Ensino médio	5() Incompleto	6 () Completo
Faculdade	7() Incompleto	8() Completo
9() Não frequentou a escola 10() Não tenho pai ou responsável 11() Não sei		

42 – Até que série seu pai estudou?

1ª à 4ª série	1() Incompleto	2 () Completo
5ª à 8ª série	3() Incompleto	4 () Completo
Ensino médio	5() Incompleto	6 () Completo
Faculdade	7() Incompleto	8() Completo
9() Não frequentou a escola 10() Não tenho pai ou responsável 11() Não sei		

43 - Assinale a freqüência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

Usa o computador (MSN, Orkut, Facebook etc.)	
Vai ao cinema	
Assiste na TV	
Pratica esporte fora do clube	
Vai à boate, discoteca, funk, samba.	
Lê jornais e revistas	
Lê livros para a escola	
Lê livros por lazer	
Lê livros religiosos	
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	

44 – Você tem religião?

1 () Sim 2 () Não

45 – Qual? _____

46 – Você frequenta:

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ___ vezes

46 - O que significa ou vem a sua cabeça quando pensa nas palavras:

Treinar:

Estudar:

Ir à Escola:

Competir

Dados socioeconômicos

1 - Como você se CONSIDERA?

- 1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo
4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar
7 () Outro _____

2 – Na sua casa tem televisão em cores?

- 1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas. 3 () Sim, três ou mais. 4 () Não tem.

3 – Na sua casa tem rádio?

- 1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais 4 () Não tem.

4 – Na sua casa tem geladeira?

- 1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas ou mais 3 () Não tem.

5 – Na sua casa tem freezer separado da geladeira?

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Não sei

6 – Na sua casa tem máquina de lavar roupas. (Não é tanquinho)

- 1 () Sim 2 () Não

7 – Na sua casa tem aspirador de pó?

- 1 () Sim 2 () Não

8 – Na sua casa tem carro?

- 1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

9 – Na sua casa tem computador?

- 1 () Sim, com internet. 2 () Sim, sem internet. 3 () Não

10 – Na sua casa tem banheiro?

- 1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

11 – Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica?

- 1 () Sim, uma diarista, uma ou duas vezes por semana.
2 () Sim, uma todos os dias úteis
3 () Sim, duas ou mais todos os dias úteis.
4 () Não

12 – Na sua casa tem quartos para dormir?

- 1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três 4 () Sim, quatro ou mais 5 () Não tem.

13 – Quantas pessoas moram com você?

- 1 () Moro sozinho ou com mais uma pessoa.
2 () Moro com mais duas pessoas
3 () Moro com mais três pessoas
4 () moro com mais quatro ou cinco pessoas
5 () Moro com mais seis a oito pessoas
6 () Moro com mais de oito pessoas

14 – Você mora com sua mãe?

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outra mulher responsável por mim.

15 – Até que série sua mãe ou a mulher responsável por você estudou?

- 1 () Nunca estudou ou não completou a 4ª série 2 () Completou a 4ª série, mas não completou a 8ª série
3 () Completou a 8ª série, mas não completou o ensino médio
4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade. 5 () Completou a faculdade
6 () Não sei

16 – Sua mãe ou mulher responsável por você sabe ler e escrever?

- 1 () Sim 2 () Não

17 – Você vê sua mãe ou mulher responsável por você lendo?

- 1 () Sim 2 () Não

18 – Você mora com seu pai?

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outro homem responsável por mim.

19 – Até que série seu pai ou o homem responsável por você estudou?

- 1 () Nunca estudou ou não completou a 4º série
- 2 () Completou a 4º série, mas não completou a 8º série
- 3 () Completou a 8º série, mas não completou o ensino médio
- 4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade.
- 5 () Completou a faculdade
- 6 () Não sei

20 – Seu pai ou homem responsável por você sabe ler e escrever?

- 1 () Sim 2 () Não

21 – Você vê seu pai ou homem responsável por você lendo?

- 1 () Sim 2 () Não

ANEXO B – Roteiro de entrevista

História individual

1. Quais as suas experiências escolares.

- a. Com quantos anos entrou na escola?
- b. Você acha a estrutura física das escolas adequada? Quadra, biblioteca, sala de leitura, salas de aula, refeitório, pátio, áreas comuns;
- c. Já ficou reprovado alguma vez? Por quê? Quantas vezes? Qual série? Em algum momento você abandonou a escola?
- d. Qual o nível de exigência das escolas por onde você passou? Você acha necessário? Como seus pais escolheram estas escolas? Ela é referência onde você mora?
- e. Qual o nível de dedicação à escola? Você tem dificuldade em alguma disciplina específica? Como você faz para resolver esta dificuldade? Você tem notas abaixo de 50%?
- f. Você falta a escola? Qual a frequência? Qual motivo?
- g. Em épocas de provas você falta o treino?

2. Quais são suas experiências esportivas?

- a. Com quantos anos começou a praticar esportes?
- b. Com que idade descobriu esse esporte? Através de quem?
- c. Com quantos anos começou a competir? Quando se tornou federado?
- d. Você acha a estrutura física do clube adequada? Materiais esportivos são adequados?
- e. Como você avalia seu desempenho no esporte? Qual seu nível de dedicação a ele?
- f. Em que turno você treina?
- g. Como é sua rotina de treino? Quantos dias na semana? Quantas horas por dia? O que mais treina? (Físico, técnica ou tática)
- h. Você falta treino? Qual frequência? Qual motivo?
- i. Você a considera pesada? Acha necessário? Por quê?
- j. Em época de competições você falta a escola?
- k. Em épocas de campeonatos você falta provas?

- I. Já se prejudicou na escola devido ao treino ou vice-versa?

Histórico familiar

1. Qual a história escolar dos seus pais?

- a. Qual a idade dos seus pais?
- b. Qual nível de escolaridade deles?
- c. Estudaram até que idade? Em que tipo de escola?
- d. Alguém na sua família possui nível superior?

2. Qual o histórico esportivo da sua família?

- a. Seus pais praticaram/praticam esporte? Qual? Por lazer ou profissionalmente?
- b. Você tem quantos irmãos? Quantos praticam esporte? Se praticam, quais são os esportes? Eles praticam por lazer ou buscam a profissionalização?
- c. Possui outro familiar que pratica esporte? Quantos?

Histórico social e econômico

1. Seus pais trabalham com o que?

- a. Você ajuda seus pais no trabalho? Desde que idade?
- b. Quantas pessoas contribuem com a renda familiar? Quem?
- c. Sua família utiliza/já utilizou a renda para mantê-lo no esporte? Quanto?

2. Como conheceu o bolsa atleta?

- a. Antes do Bolsa atleta você já havia recebido outro tipo de auxílio (patrocínio)?
- b. Quando passou a receber o auxílio (bolsa-atleta) surgiram propostas de patrocínio?
- c. Como você foi escolhido para receber o bolsa atleta? Quando foi?
- d. A bolsa é suficiente para custear os gastos com o esporte?

3. Como é a relação da sua família com a sua prática esportiva?

- a. Como você vê seu técnico/treinador? Qual a relação dele com sua família?

- b. Ele interfere nas decisões familiares? Que tipo?
- c. Sua relação com a comunidade mudou quando você passou a receber o auxílio bolsa atleta? E com seus companheiros de clube?

Projeto individual

1. Qual seu objetivo de vida?

- a. Até que grau de instrução você quer chegar?
- b. Qual a sua meta no atual esporte?
- c. Entre a escola e o esporte qual você acredita ter mais chance de sucesso? Por quê? O bolsa atleta contribuiu para essa opinião?
- d. Se tivesse que escolher entre a escola e o esporte, qual seria sua escolha? Por quê?
- e. Qual o principal motivo que te mantém no esporte de alto rendimento?